

Perdoo-me, Por favor!

Amber Chainette

Resumo

Poderia um simples tropeção mudar a vida de Stephanie para sempre? A consequência nada agradável do esbarrão geraria muita dor e conflito na vida dela.

Poderia perdoar o grande amor da sua vida por ter lhe dado a pior dor de todas? Perdoar por todos os anos perdidos e amedrontados pelos quais passou? Seria tão fácil esquecer a dor?

Assim que a vê novamente, William Duchamp soube que nunca deixou de amá-la. Dez anos haviam se passado e mesmo assim ainda podia sentir seu delicioso perfume. Agora precisava de toda a sua capacidade para mostrar a mulher amada que realmente estava arrependido e nunca iria cometer tal ato novamente.

Prólogo

20 de Abril de 1997



- Querido? - Stephanie acorda com o barulho de passos. Nas últimas semanas não estava conseguindo dormir por mais de duas horas consecutivas. As costas doíam, as pernas estavam inchadas, o sangue não circulava bem, a enorme barriga impedia qualquer locomoção brusca e andava cada dia mais cansada. Mas apesar de todos esses problemas Steph estava muito feliz, não via à hora de seu querido bebê nascer. Tê-lo em seus braços, já o amava de todo o coração, como ao pai dele.

Uma sombra se aproximou pelo corredor e logo chegou à porta.

- William! - Stephanie sorri e tenta se levantar o mais rápido que a sua enorme barriga permitia. Queira chegar perto dele e o abraçar.

- Por que não está dormindo? - Stephanie se encolhe diante do tom ríspido de William, o sorriso já não brilhava - No seu estado deveria descansar o máximo possível. Quer prejudicar o bebê?

- É que... Eu... - Com o sorriso já desfeito, Stephanie se deita novamente. Não sabia o que havia feito de errado para deixar William tão bravo. Com a cabeça deitada no travesseiro, ela relembra a última semana, quando a atitude dele mudou. Na semana anterior, William começou a passar todos as noites com ela no apartamento. Disse que estava de férias no trabalho e assim queria passar mais tempo com ela. Mas o modo ríspido com que a tratava, fez Stephanie preferir que tudo voltasse ao que era antes, quando se viam muito pouco por causa das constantes viagens dele. Ela até tentou quebrar um pouco a tensão brincando com ele.

- Se você continuar assim Will, eu é que não quero me casar com você. Anda muito rabugento - Stephanie brincou, mas pelo rosto de William percebeu que ele não havia gostado da brincadeira. Por isso se calou, talvez ele não quisesse mais casar com ela.

Esquecendo esse episódio, Stephanie se lembrou do dia em que se conheceram. Foi em seu aniversário de 18 anos, sua libertação. Estava andando pela rua, desatenta. Pela primeira vez podia sair sozinha, dona de seu próprio nariz. Mas essa liberdade também traria conseqüências. Tinha um mês para arranjar um lugar para morar. Pensando em tudo isso, não viu o homem parando a sua frente e tropeçou nele. Foi amor a primeira vista, continuou se encontrando com ele. Sabia que Will era o homem de sua vida e por isso se entregou a ele. De corpo e alma.

Um mês depois, ao descobrir-se grávida, Will insistiu para que fosse morar em seu apartamento. Stephanie pensou que William fosse ficar furioso com a

gravidez, mas ao contrário, ele ficou radiante. Cuidava dela com todo carinho e respeito, como se fosse a sua princesa, até a semana anterior. Onde tudo que haviam passado naqueles meses se desmoronou. Will ficou ríspido, a tratava com indiferença, não mais dormia na mesma cama que ela. Não havia mais carinhos, nem beijos apaixonados. Era como se William não quisesse mais tocá-la.

- Não precisa ficar aqui me fazendo companhia - Stephanie consegue dizer com o pouco de orgulho que ainda lhe restava. Não suportava sentir o olhar de William à suas costas. Olhar que queimava e perturbava até a alma - Ficarei bem, e o bebê também. Volte para o seu trabalho e faça um favor a nós três.

Stephanie ouve a porta se fechar em um clique delicado. Sozinha no quarto tentar dormir. Aos poucos foi caindo num mundo de sonhos. Sonhos estranhos e horripilantes. Corria atrás de um homem encapuzado que segurava um bebê nos braços. Ela gritava: "*Meu bebê, meu bebê*", mas ninguém a ajudava, até que tropeçou em um árvore e caiu de costas no chão. A dor era real demais para ser apenas um sonho. Stephanie acordou suada, com as costas toda dolorida, o tombo parecia bem real, a dor insuportável que vinha das costas para o ventre avantajado.

- Argh! - Ela se encolhe na cama, na posição fetal, tentando assim acalmar a dor.

- Stephanie! - William entra correndo no quarto, e a vê encolhida na cama - O que aconteceu? Está bem?

Mas Stephanie só sentia a dor, e não conseguia responder nada. Ele se aproxima e afasta o lençol.

- A bolsa rompeu... - William se desespera, se aproximou dos armários, abria todas as portas, pegou uma mala e começou a jogar roupas lá dentro. Sem perceber jogava mais roupas dele mesmo do que de Stephanie.

- O que está fazendo? - Ela pergunta, sorrindo. William parecia um doido.

- Como o que estou fazendo? Estou arrumando sua mala. Precisamos ir para o hospital e...

- Acalme-se, William. Pegue lá - Ela aponta para o canto do quarto, onde uma pequena mala cor-de-rosa estava encostada - Já preparei tudo. É só pegar.

- Certo, então vamos - William assente rapidamente, pega a mala e sai do quarto correndo, por sorte o elevador estava no andar e ele entrou alguns segundos depois chegou a seu carro. Mas faltava algo. Stephanie! Ele saiu do carro

bem a tempo de vê-la saindo a passos lentos do elevador.

- Pensei que você queria ter o bebê sem mim - Ela diz divertida. William sentiu uma raiva crescer em seu coração. Raiva pelo que está fazendo com ela. Tão jovem tão inocente e já carregava um bebê no ventre. Seu bebê. E ele ainda iria causar um sofrimento tão grande nela.

- Claro que não, Steph - Ele corre para ampará-la.

Os dois vão para o carro. William praguejava a cada sinal vermelho e segurava para não pisar demais no acelerador de seu carro esportivo. Ao seu lado Stephanie, com os punhos fechados, agüentava bravamente cada contração que vinha.

Chegaram ao Hospital, e a equipe do Dr. Wilfreman, obstetra de Stephanie, já estava a postos esperando para levar a futura mamãe para a sala de parto.

- O que está sentindo, Srta. Garhouse?

- Dor, muita dor...

A enfermeira sorri. Já estava acostumada com estas respostas e sabia que o bebê não demoraria a nascer.

- Vejamos a sua dilatação - A enfermeira a examinava quando William e o Dr. Wilfreman entraram - Ainda não há dilatação suficiente, Dr.

- Stephanie - Ele sorria calmamente para ela - O bebê resolveu chegar mais cedo O Dr. Ludwig Wilfreman era um competente médico na faixa dos 50 anos. Os cabelos, antes tão loiros, já tinham mechas prateadas nas têmporas. Ele sempre foi muito simpático com ela. Tratava-a como um filha. Sua esposa, a Dra. Lucin Hermann Wilfreman, era a psicóloga de Stephanie e a ajudou muito nas últimas semanas de sua gravidez, que sem dúvida nenhuma foram às piores, principalmente por causa de William.

- Lucin está louca para ter um bebê nos braços - Stephanie sabia que o casal Wilfreman não podia ter filhos e por isso acolhiam a todos com imenso carinho, tratavam a todos como se fossem da família.

Após uma hora, a dilatação continuava a mesma, e as dores aumentavam sem parar.

- Stephanie, acredito que é melhor fazermos uma cesariana - O Dr. Wilfreman a olhava preocupado.

- O bebê corre algum risco? - Stephanie pergunta e vê o doutor negar com a cabeça - Então não quero. Não é bom para o bebê. William me explicou como é

prejudicial para o bebê uma cesária - Steph consegue dizer em meio às contrações.

- Mas...

- Não, doutor, por favor, não discuta comigo. Quero o melhor para o meu filho.

Stephanie, após tantas palestras que William ministrava sobre os benefícios do parto natural para o bebê começou a concordar com ele. Não iria prejudicar a saúde de seu bebê por ser uma covarde. Agüentaria a dor por seu filho e por William, seria corajosa como sempre foi.

Após duas horas, a dilatação já havia aumentado, mas ainda faltava um pouco, e a dor já estava insuportável.

- Stephanie, pode começar a empurrar - O Doutor avisa - Mas o bebê é maior do que imaginávamos e se não nascer em meia hora farei um cesária. É pelo seu bem, e do bebê também.

Stephanie assente, fraca. Já não estava agüentando mais. Talvez não fosse tão forte como achava que era.

- O bebê está bem? - William entra na sala de parto.

- Sugiro que segure na mão dela, Sr. Braick - William assente e vai para o lado de Stephanie. Meia hora depois, o bebê continuava seguro dentro do ventre de Stephanie.

- Prepare a anestesia - o Doutor fala para a enfermeira.

- Não! - Stephanie grita

- Steph - William também estava banhado de suor, parecia mais cansado que a própria Stephanie - Obedeça ao doutor e...

- Não, eu disse não - Stephanie olha decidida para ele. Era a primeira vez que ela falava rispidamente com ele. Nem quando ele começou tratá-la friamente Steph foi menos gentil e amorosa.

Não se sabe se foi por causa da raiva ou da força de vontade do bebê, mas ele começou a vir ao mundo momentos depois.

- Força, querida - O Doutor a incentivava - já estou vendo a cabecinha. Oh, céus! É careca - O doutor caçoa.

Alguns minutos depois nascia um bebê rosado, peando 2 kilos e 800 gramas, com 48 cm de comprimento.

- Está tudo bem? - Foi à única pergunta que Stephanie conseguiu articular, antes de cair em um sono profundo.

- Olhe você mesma - O Doutor sorri e mostra o bebê para a mãe.
- Um... Menino... - Stephanie adormece com um sorriso no rosto.

- Posso segurar? - William olha para o bebê já banhado e vestido. Não escondia o orgulho em seu olhar.

- Sim, o bebê é muito saudável. Parabéns, Sr. Braick - A enfermeira sorri, mas acrescenta séria - A Srta. Garhouse é que não está nada bem. Seu frágil corpo não suportou tanta dor, precisará de muito cuidados e carinhos extras.

William assente tinha captado a mensagem da enfermeira. Devolve o bebê para a enfermeira quando seu celular toca.

- Alô, querido?
- Karen? - William se assusta ao ouvir esta voz - O que quer/
- O bebê já nasceu?
- Sim, é um lindo menino.
- Quero vê-lo - Karen estava decidida.
- Mas querida, ele ainda precisa de cuidados e...
- Não o traga ainda hoje - Karen estava impaciente - Já fez o que devia ser feito, agora volte para casa - Ela desliga sem lhe dar tempo de uma resposta.

William dava voltas pelo hospital, sem saber o que fazer e sem perceber chegou novamente ao berçário. Olhava pelo vidro todas aquelas lindos bebezinhos, entre eles o seu filho. Seu filho.

- Vou levar o bebê para o quarto. A mãe quer vê-lo - Ele se dirige para a enfermeira que cuidava da ala.
- Mas, Senhor, ele está dormindo.
- Acho que o bebê ficará melhor perto da mãe. Não sei por que este hospital ainda não tem o avanço de permitir que os filhos fiquem ao lado da mãe constantemente.

A enfermeira assente diante de tal crítica ao hospital e permite que William leve o bebê.

Stephanie acordou com o corpo dolorido, mas feliz, logo estaria com seu bebê nos braços. Não o tinha visto na noite anterior, de tão esgotada que

ficou. Passou a mão pelo ventre, agora já mais baixo, e sorri como toda mulher que acabou de ter um filho. Radiante.

- Já acordou querida?

- Dr. Wilfreman - Steph sorri - Onde está o me bebê?

- Ainda não o trouxeram? - Dr. Wilfreman estranha - Vou pedir para que a enfermeira o traga. Estranho ele ainda não ter chorado de fome.

- Com licença - Uma enfermeira entra - Vim buscar o bebê.

- Buscar o bebê? - Todos estavam confusos - Eu estava a caminho do berçário justamente para isto.

- Para o que, Doutor?

- Para pegar o bebê. Ele não chorou? Não está com fome?

- Estou ficando confusa, Dr. O Sr. Braick foi ao berçário buscar o bebê para que ficasse com a mãe.

- Mas o Sr. Braick não apareceu aqui após levarem o bebê ao berçário - Dr. Wilfreman se levanta abruptamente e sai do quarto - Chamem todos os seguranças. Fechem todas as saídas. Ninguém entre, ninguém sai - Ele volta e fala para Stephanie - Não se preocupe querida, encontraremos o seu bebê.

Stephanie não entendia o que estava acontecendo. O que deveria fazer? Parecia um pesadelo. Um terrível pesadelo, e queria acordar logo e segurar o seu bebê. Estava tendo um colapso, quando a enfermeira entra e lhe aplica um sedativo, adormece instantes depois. Ao acordar novamente, o sol já estava se pondo, o casal Wilfreman estava ao seu lado.

- Não encontramos o bebê - Foi à única frase que ouviu.

Stephanie assente e vê um presente ao seu lado. De quem seria? No cartão apenas um frase: Obrigado. Ao abri-lo tudo escurece novamente.

Capítulo I

20 de Abril de 2007

- Parabéns prá você, nesta data querida muitas felicidades, muitos anos

de vida - Stephanie sopra a única vela do bolo a sua frente - Espero que esteja bem, meu filho, onde você estiver, e com quem estiver.

Era sempre assim que Stephanie Hermann comemorava o dia 20 de Abril. O dia mais feliz e também o mais triste de sua vida. Neste dia, Stephanie faltava ao seu trabalho na ala pediátrica, e passava o dia no parque tentando imaginar como seria se tivesse o filho ao seu lado. Almoçava em um dos Café's da cidade e terminava com um bolo, que ao contrário de seu sabor doce e bem vindo, tinha sempre um sabor amargo.

- Também é seu aniversário, Senhora? - Stephanie se assusta ao ouvir uma voz de criança ao seu lado. Ao levantar os olhos se depara com um lindo menino de cabelos loiros como os raios de sol, e os olhos verdes intensos.

- Não querido, não é meu aniversário - Stephanie sorri. - Então por que o bolo e a vela? - O menino olhava para a mesa, e parecia ligeiramente confuso. Stephanie sorri diante da curiosidade ingênua das crianças.

- Hoje é aniversário de uma pessoa de quem eu gosto muito, mas que nunca pôde estar comigo.

- Que pena - Os olhinhos vivos dos meninos reagiram sobre o enorme embrulho na cadeira ao lado - E ele nem vai poder abrir o presente.

- Vamos fazer o seguinte, fique com o presente assim não precisarei levá-lo para casa e não ficarei triste, que tal?

- Não, eu não posso aceitar...

- Por favor, eu insisto.

- Está bem, então - O menino rasga rapidamente o embrulho de presente - Uau! É uma Ferrari como controle remoto. Você deve gostar muito dele para gastar tanto dinheiro assim. Meu pai disse que eu iria quebrar um brinquedo desses muito rápido e por isso não me comprou um.

- Pois agora você já tem. Não se preocupe mais, e cuide direitinho, para mostrar ao seu pai que você já cresceu e sabe conservar seus brinquedos - Stephanie sorri para o garoto, e se levanta se preparando para sair. Uma sombra recai sobre a mesa que estava sentada. Levanta a cabeça para ver quem era

- Você!

- Stephanie, querida... - William se surpreende ao encontrá-la - Eu...

- Não! - Stephanie se levanta e sai correndo - Não irá me machucar. Eu não permitirei.

William queria correr atrás dela, mas uma mãozinha o impede.

- Pai, por que ela saiu correndo?

- Eu também não sei Sam.

- Você a conhece? Ela parecia te conhecer, mas parecia ter medo de você, por isso saiu correndo - Sam sorri - Viu pai, eu sempre disse que você tinha uma cara de malvado.

- Vamos filho - William muda de assunto - O que é isto em sua mão?

- Foi aquela moça que me deu. Ela estava comemorando o aniversário de alguém e como ele não poderia abrir o presente ela me deu.

- Ela disse para quem era?

- Não, só disse que era para uma pessoa de quem ela gostava muito, mas que não estava ao seu lado.

William apenas assente e voltam a caminhar. Depois de dez anos reencontrá-la foi uma surpresa e tanto. E pensar que ele passou todo esse tempo procurando-a em outros países, mas ela continuava ali. Tão perto dele. Iria procurá-la novamente, e dessa vez a encontraria de uma forma ou outra.

- Stephanie, o que aconteceu? - Ela estava encostada na porta de entrada, ofegante e pálida como se tivesse visto um fantasma.

- Fale, querida - A tia se aproxima - Venha, vamos nos sentar.

- Filha? - Stephen Hermann também se aproxima - O que foi?

- Eu o vi, papai - Stephanie o abraça e começa a chorar como uma menininha novamente - Eu o vi. Não deixe ele me encontrar, por favor.

- Está bem, querida. Não vou deixar ele te encontrar, mas de quem você está falando? Diga para que eu possa te proteger.

- William - Stephanie sussurra e seu corpo inteiro se arrepia.

- Descanse um pouco, Steph - Tia Lucin voltava com um copo de chá -

Depois nos conte direito o que aconteceu - Stephanie assente e bebe o chá. O líquido quente foi como um bálsamo para ela, e segundos depois caía em um sono profundo, em uma falsa paz.

- O que colocou no chá? - Stephen pergunta indignado.

- Apenas um pouco de calmante. Ela estava exaltada de mais. Em estado de choque.

- Mas agora não saberemos o que aconteceu.

- Eu tenho uma ligeira impressão do que aconteceu - Ela diz - Stephanie não voltou com um presente nas mãos como todos os anos.

De fato, a casa de Stephen Hermann tinha um quarto reservado para o neto que nunca chegou a conhecer. Com todos os brinquedos que Stephanie comprava, tanto para os aniversários como para o dia das crianças, Natal. Qualquer dia especial que merecesse um presente.

- Só espero que ela não entre em outro colapso. Temo por seus frágeis nervos que não irão agüentar.

- Eu não deixarei isso acontecer - Stephen diz decidido.

Anoitecia e William não conseguia esquecer o encontro que teve naquela tarde. Voltou para o passado, há dez anos quando levou o bebê do hospital.

- Deixe-me ver - Karen o esperava na porta para pegar o bebê - Mas que lindo, meu amor. O nosso filho é lindo.

William sente uma pontada no coração ao receber o beijo de Karen.

- Será Samuel. Samuel Duchamp, em homenagem ao meu pai - Karen diz sorridente. Ela sempre conseguia ser a simpatia em pessoa, conseguindo a aprovação e o carinho de todos - Vou levá-lo para o quarto.

Karen para ao ver que William não a seguia e caminhava em direção ao escritório

- Aonde você vai?

- Vou ligar para o hospital, para ver como Steph está. Ela ficou muito debilitada após o parto.

- Não! - Karen grita - Não fará nenhuma ligação. Ela já serviu para os

nossos propósitos. Até mandei uma lembrancinha para ela.

Sem alternativa, William segue a esposa escada acima para acomodar o filho, seu filho. Somente na manhã do dia seguinte, William conseguiu telefonar para o hospital.

- Bom dia, poderia me passar para o quarto 512 da Srta. Garhouse?

- Perdoo-me, Sr, mas o quarto 512 está desocupado.

- Desocupado? Mas como? Ela deu a luz ontem, para onde será que foi? É impossível que tenha recebido alta, não no estado em que se encontrava.

- Não sei Senhor. Sou apenas a telefonista. Não sei e nem posso lhe informar o que aconteceu com a Srta. Garhouse.

William não acreditou e foi pessoalmente para o hospital, mas continuo sem respostas, só sabia que Stephanie não estava mais internada. Ninguém sabia para onde ela tinha ido, era como se tivesse sido sugada pela Terra. Tentou procurá-la, mas seus esforços foram em vão. Nem o detetive particular que contratou teve algum êxito.

- Não! - William fala consigo mesmo, voltando ao presente. Dessa vez não permitiria que Stephanie sumisse outra vez de sua vida. Precisava se desculpar pelo que fez. E seria o homem mais sortudo do mundo se um dia ela o perdoasse.

- Pai?

William se vira e vê o filho para no vão da porta.

- Ainda não foi dormir?

- Não, não consegui - Ele entra e se senta na beirada da cama - Já estou grande pai? Quero dizer, já cresci o suficiente?

- Sim, você já é um homenzinho - Will sorri divertido com a pergunta do filho.

- Então você poderá me explicar uma coisa que Karen me falou.

- O que sua mãe lhe disse? - William pergunta apreensivo.

- Ela não é minha mãe - Sam grita - Ela me disse que não era minha mãe.

William sente os olhos marejarem ao ver o filho sofrendo tamanha dor, tenta abraçá-lo, mas Sam se esquivava para longe.

- Quem é minha mãe? Você disse que já sou um homenzinho, então eu quero saber - Sam o encara desconfiado - Ou você também não é o meu pai?

- Sou filho. Eu sou o seu pai.

- Então por que não se casou com minha mãe? O que aconteceu com ela?

William não soube quanto tempo passou enquanto encarava o filho perplexo. Como poderia explicar ao filho o fato de não ter casado com a mãe dele. Como poderia contar fato tão vergonhoso que fez?

- Quando Karen te disse que não era sua mãe, Sam? - William muda o rumo da conversa

- No meu aniversário de oito anos. Ela estava nervosa e quando eu fui pedir um beijo ela gritou comigo e disse que não era minha mãe.

William fecha os punhos com força. Se Karen não estivesse morta ele a mataria com as próprias mãos. Lembrava muito bem daquele dia. Foi o dia em que Karen descobriu que ele havia contratado um detetive para procurar por Stephanie. A esposa ficou furiosa e se trancou no quarto.

- Venha cá, querido, vou te colocar na cama e...

- Não. Eu quero ir para casa da vovó. Por favor, pai.

Diante da súplica do filho, William assente. Não queria envolver a mãe em seus próprios problemas, mas percebeu que Sam precisava de consolo. Um consolo que ele mesmo não poderia dar, pois também estava perdido em uma dor e culpa que só crescia a cada dia.

- Pode deixar Sam comigo, Will - A mãe o abraça - Ele estará bem. Todos os primos estão aqui, companhia é o que não irá faltar. Mas quero você aqui amanhã, para me explicar essa confusão toda - a mãe diz autoritariamente.

William assente e vai para o apartamento, o mesmo em que tinha passado momentos muito agradáveis há dez anos. Percebeu que aquele foi o único ano em que realmente foi feliz.

Capítulo II

- Fale Stephanie, desabafe comigo - A tia se sentava a sua frente - Agora não serei sua tia, mas sim sua psicóloga e amiga.

Stephanie olhava para tia Lucin com os olhos arregalados e a expressão amedrontada.

- Saía daqui, Stephen - Lucin grita ao ver o irmão entrar.

- Não - Stephen pega uma cadeira e se senta perto das duas, teimoso - Stephanie é minha filha e vocês irão me contar o que aconteceu há dez anos, antes que eu reencontrasse a minha filha.

Lucin conta resumidamente todos os fatos após a permissão de Stephanie. Desde o momento da gravidez até o sumiço do bebê.

- Por que nunca me falaram deste desgraçado? - Stephen se levanta alterado - Eu poderia ter contratado os melhores detetives e...

- Pai... - Stephanie o interrompe, falando pela primeira vez - Eu pedi para que não contassem. Era e ainda é muito doloroso para mim. Tio Lud até tentou procurá-lo, mas foi como se William Braick fosse engolido pela terra.

- Vocês voltaram ao apartamento? Perguntaram ao porteiro?

- Sim, o velho porteiro havia se aposentado e o novo só disse que o apartamento era do Sr. Duchamp. Então acredito que William vendeu o apartamento, ou na realidade nunca foi dele - Stephanie respira fundo. Era o momento de contar sobre o encontro do dia anterior - Ontem, eu o vi novamente.

- Onde? - Os irmãos falam ao mesmo tempo.

- No Café's perto do parque.

- Então devemos nos mudar, filha. Não pode correr o risco de outro atentado e...

- Não posso pai. Tenho meu emprego no hospital e aquelas crianças precisam de mim.

- Eu também preciso de você. Perdi-te por 16 anos e agora que te encontrei não quero te perder nunca mais - Stephen fala, comovido - não teme pela sua própria vida?

- Não irá me perder, pai - ela o abraça - nunca mais. Só gosto de me

sentir útil, e cercada pelas as crianças ameniza um pouco a dor de ter perdido o meu próprio filho.

- Não conseguiram encontrá-lo?

- Não, nunca cheguei nem perto. Descobri que nunca existiu um William Braick. Seu sobrenome com certeza é falso, talvez até mesmo seu nome.

William entrou na casa os pais, ainda desolado. Tinha passado a noite em claro, relembrando desde o momento em que conheceu Stephanie até o encontro daquele dia. Ao entrar na casa ouve uma conversa vinda da sala.

- Will, que bom que chegou - A mãe o encara preocupada - Não sei o que você fez, mas nunca vi Sam tão triste. Passou a noite inteira chorando.

- Vou conversar com ele...

- Não! - Letice, sua irmã o impede - Eu acho melhor não, e Ally concorda comigo.

William não havia notado a presença da prima Allisson na sala.

- Como vai, Ally?

- Bem, obrigada - Ally sorri - Letty está certa, devemos deixar Sam falar com alguém de fora da família, para não ficar intimidado e poder desabafar.

- Você quer dizer que ele se sentiria melhor conversando com um estranho?

- No caso uma estranha. Há alguns anos conheci uma psicóloga infantil que vem fazendo um ótimo trabalho no hospital e acredito que ela é a pessoa ideal para ajudar Sam.

- Ainda acho que é melhor eu conversar com ele.

- Se ele realmente quisesse falar com você, teria falado ontem.

William assente, concordando. Realmente precisavam de ajuda.

Uma semana depois, Letty leva Sam para o hospital e não sabia como explicar para o sobrinho o que estavam fazendo lá.

- Pode deixar Ally, darei um jeito com Sam. E espero poder ajudá-lo.

Nove anos e com um problemas desses. Que mãe desnaturada é essa, dizer para um garoto de oito anos que não era sua mãe de verdade. Poderia matá-la eu mesma.

- Não precisa, ela já nos poupou o trabalho, morreu alguns meses atrás em um acidente de carro.

- E por que Sam guardou esse segredo durante tanto tempo?

- Ninguém sabe.

Letty entra no corredor com Sam.

- Ally, aqui estamos...

- Você! - Sam sorri ao ver Stephanie - O que está fazendo aqui?

- Eu trabalho aqui, e você?

- Não sei tia Letty me trouxe para conversar com tia Ally.

- Então venha, vamos comer algo na lanchonete enquanto suas tias conversam - Stephanie diz ao notar o olhar que as primas trocam. Percebeu que este devia ser o menino com quem deveria conversar.

Sam assente e vai feliz, de mãos dadas com Stephanie, os dois não percebem o olhar atônito das primas.

- Então você cuida de doentes?

- Sim, mas eu não cuido dos doentes de corpo, e sim dos doentes da alma. E somente de crianças.

Sam a encarava confuso.

- Doentes de alma? Eu nunca ouvi falar disso.

- É como se fosse uma dor no coração. Na realidade não existe é só um sentimento. Pensamentos dolorosos, algo que machucou muito e não sabem por que - Steph sorri - Às vezes, eles não querem falar com seus próprios pais e desabafam comigo.

- Então... - Sam a encara pensativo - Você poderia me ajudar, eu descobri umas coisas que me deixaram com dor aqui - ele apontava para o próprio coração - Estou confuso e não quero falar com meu pai.

- Tudo bem, vamos terminar o lanche e falaremos com suas tias - Sam assente feliz.

- Eles estão voltando - Ally comunica Letty, e a prima se vira
 - Que bom, não sei da onde os dois se conheciam, mas facilitou e muito o nosso trabalho.
 - Tia Letty, eu vou conversar com Stephanie, pode vir me buscar daqui à...
 - Ele se vira para Stephanie indeciso - E se ficarmos conversando por muito tempo e esquecermos à hora?
 - Que tal se eu te levar para casa mais tarde? - Stephanie sorri
 - Certo, mas eu estou dormindo na casa dos meus avós.
 - Tudo bem.
 - Então tia Letty, está tudo resolvido. Pode ir embora - Sam pega na mão de Stephanie e começa a puxá-la
 - Eu te ligo para saber como foi - Ally consegue gritar antes que Sam levasse Stephanie para dentro do elevador.
- Nossa - Samuel olhava fascinado para a sala - Que sala legal - As paredes da sala estavam lotadas de prateleiras repletas por brinquedos, de todos os tipos e tamanhos, nem parecia um consultório médico. Tapetes coloridos no chão, e ao invés de cadeiras tinham pufes enormes no chão. Coloridos de todos os tipos e tamanhos - Podemos jogar?
- Sim, pode fazer o que quiser - Stephanie sorri diante do olhar maravilhado de Sam.
 - Mas nós não íamos conversar?
 - Nada nos impede de jogar ao mesmo tempo.
 - Samuel a encara com uma seriedade imprópria para idade dele.
 - Acho melhor só conversarmos - Ele se senta ereto num dos pufes. Stephanie o imita escolhendo uma pufe grande e cor de rosa. Os dois ficam se olhando durante um tempo - Você gosta de rosa? - Sam puxa conversa.
 - Sim, é minha cor favorita - Stephanie sorri
 - Aposto que gosta de rosa, das flores quero dizer - ele se explica
 - Não, não mais - Stephanie passou a odiar as rosas, pois eram as flores

que William sempre lhe mandava e foi exatamente esse buquê que recebeu junto com o presente no hospital.

- Não vai me perguntar nada?
- Eu gosto de deixar as crianças falarem, sem ficar perguntando nada.
- Mas assim ficaria muito estranho... Tem que perguntar alguma coisa.
- Está certo, então. Qual seu nome?
- Samuel Duchamp
- Quantos anos você tem?
- Nove
- E o que você mais gosta de fazer?
- Nadar, jogar vídeo game viajar...

A conversar fluiu naturalmente através das respostas Stephanie percebe que a vida de Samuel havia sido muito agradável, uma infância bem feliz. Ficou contente por ele, pois traumas mais recentes eram mais fáceis de curar do que aqueles mais velhos que ficam marcados no fundo da alma.

- Sabe, Steph, minha família é muito grande. A sua é?

- Não, a minha é bem pequena, mas continue, estava falando sobre os seus aniversários

- Por ter uma família tão grande, temos uma reunião quase toda semana, tem sempre alguém fazendo aniversário e todos se reúnem na casa do bisa.

- Do bisa?

- Sim, meu bisavô. Ele é avô do meu pai. Ele e minha bisa já tem mais que 80 anos, mas nem parece. E por isso todas as festas são na casa deles - De repente Sam fica serio, com o semblante fechado - Mas no meu 8º aniversário tudo mudou. Eu não percebi que Karen estava nervosa, e fui ao quarto pedir um beijo de boa noite. Ela gritou comigo para que eu saísse de lá, e quando eu perguntei o que aconteceu... - Sam pára relembrando a cena.

-Saía daqui! - Karen gritava furiosa - Saía!

- Mamãe, o que foi?

- Eu não sou sua mãe - Karen grita e o empurra para fora do quarto, trancando a porta.

- Eu fiquei sentado no corredor um bom tempo - Ele volta ao presente - Pensando no que eu tinha feito de errado.

- E seu pai? - Stephanie estava com tanta raiva que desobedeceu a uma das regras que tinha se auto imposto, a de não perguntar nada quando as crianças relatavam os incidentes.

- Eu não sei, estava tão feliz que só depois senti a falta de meu pai - Sam continuou a contar como se ninguém o tivesse interrompido - Na manhã seguinte, Karen tratou-me normalmente, como se nada tivesse acontecido, então eu guardei o segredo para mim.

- Você nunca pensou que ela disse aquilo por estar nervosa?

- Não, os olhos dela não me enganaram, era verdade. E depois eu perguntei para o meu pai e ele também não negou.

- Olhe querido - Stephanie tenta amenizar a situação - Muitas crianças são adotadas e vivem bem mais felizes e...

- Meu pai é meu pai - Ele a interrompe - Eu perguntei

- Talvez sua mãe tenha morrido e...

- Pode ser. Quando eu perguntei por que ele não tinha se casado com minha verdadeira mãe, ele ficou calado e serio.

-Talvez isso o machuque muito

- Tem razão. Vou falar com meu pai e ele pode vir conversar com você e assim você também pode ajudá-lo, como você fez comigo

- É melhor ele procurar uma pessoa que fala com os adultos, eu só gosto de conversar com crianças - Stephanie sorri - Assim me sinto mais jovem, elas são mais legais.

- Que pena, mesmo agora que já estou melhor posso continuar vir te visitar? Poderíamos brincar com o carrinho que você me deu

- Sim, traga-o da próxima vez e passaremos algum tempo no parque

- Oba! - Stephanie se encanta com cada criança com que conversa, eles esqueciam facilmente seus problemas quando eram entendidos. As crianças sempre foram mais fortes e inteligentes que os adultos, esqueciam as coisas ruins.

- Agora você espere aqui, vou me despedir das crianças que estão internadas e já volto.

A ronda acabou levando mais de uma hora, em cada quarto que entrava as crianças queriam contar com havia sido o dia, as coisas novas que aprendiam e Stephanie não sabia como interrompê-las ao ver seus olhinhos brilhando de felicidade. Ao voltar para o seu consultório, se deparou com Sam dormindo agarrado a um pequeno urso de nariz vermelho. Ela sorri, era o seu urso que a acompanhou a sua infância no orfanato. A única lembrança de sua mãe.

Por sorte, Samuel era bem levinho e Stephanie conseguiu pegá-lo no colo sem acordá-lo e sem fazer muito esforço.

Capítulo III

- Onde está Sam? - William pergunta exaltado ao ver a irmã entrar sozinha.

- No hospital, com a Dra. Hermann.

- Ele se machucou?

- Não, ela é psicóloga. Seu filho está em ótimas mãos, Will. A Dra. Hermann conseguiu conquistá-lo.

- Então preciso falar com ela, preciso saber como lidar com Samuel.

- Nessas primeiras consultas ela não gosta de conversar com os pais das crianças - Letty explica - Prefere ver tudo sob o ponto de vista das crianças, entender seus medos suas angustias e seus problemas para depois conversar com os familiares.

- Quando Sam irá voltar?

- Daqui a pouco

- Então é melhor eu dar uma volta. Preciso resistir a tentação de falar com ela sobre Sam.

- Olá Stephanie.

- Simon? - Stephanie sorri - o que faz aqui?
 - Papa me ligou e me contou tudo o que aconteceu - Simon a encara e não gosta da careta da irmã - Por isso me mandou buscá-la.
 - Estou com meu próprio carro
 - Então eu te seguirei com o meu - Ele aponta para Sam adormecido no colo de Steph - Quem é?
 - Um dos meus amiguinhos. Vou levá-lo para casa.
 - Certo, mas tome cuidado, Steph querida - Simon se abaixa e dá um sonoro beijo na bochecha de sua irmã.
-
- Oh, ele dormiu - Karyn vê o neto adormecido - Lucas! - Ela chama pelo marido - Por favor, entre doutora.
 - Perdoo-me, Sra. Duchamp; Eu não posso entrar, estou com pressa.
 - Tudo bem, mas espero que possa vir um dia desses para tomarmos um chá.
 - Sim, com certeza - Steph sorri para o Sr. Duchamp que vinha pegar o neto
 - De quem é esse ursinho? - Ele pergunta para a esposa
 - Deve ser a Doutora - Ela abre rapidamente a porta, mas ela já tinha ido embora.
 - Stephanie? - Sam acorda ao ser colocado na cama
 - A Dra. já foi, querido. Ela tinha um compromisso
 - Ela vai sair com Simon - Sam sorri ao ver o pai - Papai que bom que você veio.
 - Quem é Simon, filho?
 - Deve ser o namorado de Stephanie. Eu ouvi quando eles se beijaram - Sam abre os braços para receber um abraço do pai - Eu te amo, pai.
 - Eu também te amo filho, boa noite - William fica emocionado, ha muito tempo que Sam não expressava seus sentimentos de maneira tão clara. Sorri ao ver o filho se virar e segurar um ursinho. Era um ursinho muito familiar.
 - Não acho que seja muito ético da parte da Dra. Hermann namorar na

frente de uma criança - William comenta de maneira reprovadora ao entrar na sala com os pais

- A Dra. Hermann no fez um favor, filho, ao trazer Sam de volta para casa - A mãe o repreende - E foi ele que pediu a carona

- Certo - William assente - Eu estou errado. Devia é agradecer à ela. Sam estava bem melhor hoje. Fazia tempos que ele não era tão carinhoso assim.

-Tia, me leva para o hospital - Sam diz ao ver Letty entrar na sala

- O que aconteceu, está passando mal? - Letty se desespera.

- Não só queria conversar com Stephanie.

- Mas você já foi ontem - Letty comenta mais calma - Não pode ir todos os dias

- Ah... - Sam fica emburrado

- Mas nada o impede de ligar para ela

- Oba, Sam sai correndo em direção ao quarto onde tinha guardado com todo carinho o cartão de Stephanie

- Como a Dra. Hermann consegue cativar essas crianças traquinas - William pergunta para a irmã, sorrindo

- Ally me disse que ouviu rumores que ela havia perdido um bebê alguns anos atrás e por isso se dedicou a ajudar as crianças

- Fico contente que ela possa ajudar Sam, mas é triste o fato dela ter perdido um filho. Não imagino a dor que ela deve sentir.

- É, mas ela é bem forte. Nunca comentou com ninguém o que aconteceu. Ally só ficou sabendo por que um dia a encontrou chorando no consultório e desabafou com ela.

- Coitada

- Steph... Tia Letty me disse que não pode me levar hoje para o hospital porque já fui ontem - Sam diz com a voz chorosa

- Talvez ela esteja ocupa e não pode te trazer.

- Não, tia Letty faz seus próprios horários, ela é uma artista, pinta muito bem, posso te levar um dos quadros que ela pintou de mim para você ver - Sam se esquece do assunto anterior - Ela pintou cada membro da família num dos cômodos da casa do Bisavô da qual mais gosta, o meu foi na biblioteca como Tia Alex.

- Certo, quero muito ver a obra-prima de sua tia.
- Eu queria tanto vê-la hoje, então poderia te levar o quadro e...
- Está bem, falarei com sua tia.
- Tia Letty - Steph o ouve gritar - Telefone
- Dra. Hermann?
- Bom dia, Sra. Foutenelle.
- Bom dia. Eu não sei o que fazer, Sam quer vê-la e...
- Se você tiver tempo pode trazê-lo na hora do almoço
- Verdade? Obrigada, Dra.
- Por nada e me chame de Stephanie
- Certo, e me chame de Letty. Até mais tarde, Stephanie.
- Sabia que ela ia deixar, Vou me trocar - Sam sai correndo.
- Seu filho está encantado com ela
- Eu também... - William pega o cartão - Stephanie Hermann... Onde está você *minha* Stephanie?



- Evans falando

- George, aqui é William Duchamp. Preciso de sua ajuda novamente
- Não me diga que é para procurar Stephanie Garhouse novamente
- Acertou
- Mas eu pensei que depois do que aconteceu aquele dia com a Karen você não fosse mais procurá-la
- Eu sei, mas a encontrei na cidade novamente e preciso saber o que aconteceu com ela.
- Essa obsessão ainda vai te fazer mal.
- Não é uma obsessão. É necessidade. Quando ela me viu, me olhou assustada, como se eu fosse um fantasma e saiu correndo com medo
- Você não acha que depois do que você fez à ela, ela tem razão de estar com medo?

William concorda, tinha sido muito perverso, mas ainda assim queria encontrá-la.

- Faça o que tem que ser feito, George.
- William, onde está Samuel?
- Letty o levou ao hospital, para conversar novamente com a Dra. Hermann
- Muito bem, agora você irá me contar tudo o que está acontecendo. Por que Sam veio tão triste e nem queria voltar para casa?
- É uma longa história
- Tenho todo o tempo do mundo para ouvir - Karyn fala decidida - Mas espera vou chamar seu pai, assim não precisarei repetir.

William assente. Sempre invejou a cumplicidade e companheirismo dos pais, eram o casal mais unido que já havia conhecido.

- Pode começar - Karyn e Lucas Duchamp se sentam.
- Tudo começou há 10 anos... - William parecia alheio ao mundo à sua volta - Após alguns meses de casado, Karen me contou que não podia ter filhos. Eu fiquei arrasado, sabem como gosto de crianças - os pais assentem viam a forma como William brincava com os filhos de Letice, com os gêmeos

de Sophie, os trigêmeos de Ally e com o filho de Alex. Sabiam o quanto William gostava de ficar perto das crianças e jovens.

O casal Duchamp ficou horrorizado com o que o filho contava. Não podiam acreditar que ele, seu querido filho, pudesse fazer tamanha barbaridade.

- Querida, acho melhor pararmos por aqui... - Lucas tenta tirar a esposa da sala

- Não, quero ouvir tudo. Tudo o que meu filho teve a coragem de fazer. Todas as coisas sórdidas. Continue William, o mal já foi feito, então não deveria ter vergonha ao contar - Karyn não perdoa.

- Eu arranjei uma amante

- Aposto que ela se interessou por seu dinheiro - o pai fala

- Não, ela nem ao menos sabia quem eu era. Eu lhe dei um nome falso

- Quantos anos tinha essa moça?

- 18

- Como você teve coragem, Will? Nessa idade ainda é praticamente uma criança - a mãe estava indignada - a menos que ela já fosse bem experiente

- Não eu fui seu primeiro amante

- Canalha. Fez com que ela se apaixonasse por você, não foi?

William assente infeliz. Sabia que o que tinha feito não merecia perdão, mas ouvir palavras bruscas da boca de sua mãe era pior.

- Com o passar dos meses eu fui ficando com remorso, mas ela já estava grávida.

- Ela sabia que você era casado? - Will nega - E não pediu que se casassem?

- Não, ela não fez nenhuma exigência. Eu é que lhe falei que iríamos nos casar após o nascimento do bebê.

- Ainda por cima mentiu para ela - Karyn estava indignada com o filho. Nunca imaginou que ele seria capaz de fazer tantas maldades. E como foi o período de gravidez?

- Muito bem, o parto é que foi difícil

- Por quê?

- Karen começou a me importunar para que o parto fosse natural. Ela disse que assim seria melhor para o bebê, e eu fiz Steph aceitar. Eu quase perdi os dois. No dia do nascimento, Karen me ligou e me mandou levar o bebê.

- E a moça?

- Não sei, voltei ao hospital no dia seguinte e ela já não estava mais lá.

- E como Sam descobriu que Karen não era sua mãe?

- Karen lhe contou

- Desgraçada

- Está de babá novamente?

- Simon! - Stephanie sorri - Está de férias?

- Férias impostas pelo chefe - Ele sorri irônico - Mudei de profissão

- Como? - Stephanie pergunta curiosa, nunca viu o irmão tirar férias da empresa do pai. O trabalho sempre vinha em primeiro lugar.

- Isso mesmo que ouviu, agora sou guarda-costas particular

Stephanie o encarava incrédula. Seu irmão um dos diretores da Hermann Technology como guarda-costas era inimaginável.

- De quem? De sua futura esposa? - Steph sorri - Só podia ser por causa de mulher

- É por causa de uma mulher. A mais bela mulher que conheci - o irmão sorri matreiro

- Quem é a sortuda? - Stephanie pergunta curiosa.

- Você - Simon lhe dá o mais belo sorriso - Agora sou seu guarda-costas particular

- Mas por quê?

- Você está correndo perigo. Não quero que nada de ruim aconteça com você.

- Está certo - Stephanie concorda resignada. Sabia que não importa o que fizesse Simon não a ouviria. Ele obedecia as ordens do pai.

- Quando estará livre para almoçar? - Simon pergunta olhando para a criança ao lado da irmã. Repara nos cabelos loiros despenteados - é o mesmo menino de ontem?

- Sim, Sam este é Simon - os dois se cumprimentam. Sam olhava desconfiado para o desconhecido e agia como um adulto - Vou almoçar com Sam, mas está convidado se quiser

- Se não quiser ir também não precisa se incomodar - Sam se apressa em acrescentar.

- Vou adorar acompanhá-los - Simon diz rapidamente, com um leve sorriso.

E os três seguem andando, Simon sorria enquanto Sam caminhava emburrado.

Capítulo IV

- Encontrou alguma pista, George? - William se levanta ao ver o amigo entrar em seu escritório

- Sim, mas acho melhor ler os primeiros indícios sozinho. Ainda estou a procura de outras pistas e te mantereii informado

William olhava para o envelope pardo em cima da mesa. *Confidencial*. O que será que tinha de tão importante que deixava o famoso detetive George Evans evasivo?

- Foi George que acabou de sair? - David entra perguntando. William encara seu irmão mais velho e assente - O que ele queria?

- Me entregar isso - Ele aponta para o envelope.

- Quem está procurando dessa vez?

- Stephanie Garhouse

- Novamente? Mas por quê?

- Ela é a mãe do meu filho

David o encara aturdido e pela segunda vez William conta tudo novamente. Conta o seu pior pecado, sua pior faceta.

- Abra logo, agora fiquei curioso.

William abre. Dentro continha apenas duas folhas, eram um relato de uma enfermeira que trabalhou no hospital na época em que Stephanie foi internada.

"... depois do choque de ter o filho roubado, a pobre menina ainda agonizava por causa do parto. Aquele monstro desnaturado, o pai da criança, só queria que o bebê nascesse de parto normal. Eu acho que ele esperava que Stephanie morresse e assim ele poderia ficar com o bebê. Como isso não aconteceu, ele teve que roubá-lo. Horas mais tarde, a menina recebeu um presente. Lá só tinha um cartão escrito: Obrigado. Stephanie abriu o pacote e este explodiu em sua mão. Ela teve queimaduras graves no tronco e nos braços; transferiram-na para outro hospital e eu nunca mais soube dela. Espero que esteja bem"

William e David estavam lívidos

- Coitada deve ter sofrido muito - David comenta pesaroso

- Eu preciso encontrá-la, David. Foi minha culpa que ela recebeu aquele pacote errado.

- Faço votos que a encontre logo, irmão - David sorri - não posso imaginar Beatriz passando por tudo isso, se bem que eu também a fiz sofrer bastante - David relembra seu próprio passado - Quem será que mandou aquele pacote?

- Não sei, mas conhecendo George ele já está investigando.

- Você não precisa nos acompanhar - Simon encara Sam incrédulo. Aquela criança com tão pouca idade já falava como um adulto - Stephanie pode me levar para casa

- Ganhou outro admirador, Steph? - Simon comenta divertido - Sinto muito mocinho, mas eu terei que ir junto. Stephanie está sem carro, então eu serei o motorista...

- Poderíamos tomar um taxi e... - Sam não se dava por vencido

- Sem discussão, Samuel - Simon fala com autoridade - eu vou levar vocês.

Stephanie olhava para os dois risonha. Era muito divertido ver a discussão deles. Um homem maduro e uma criança.

- Vamos, Sam - Stephanie diz - Vamos com Simon, assim chegaremos mais rápido.

Sam assente, mas passa o trajeto inteiro impedindo a conversa entre os adultos.

- Obrigada por trazer Samuel - a Sra. Duchamp era muito simpática

- Vó, hoje fomos ao parque e tomamos o lanche sentados na grama.

- Que divertido

- Bem eu vou indo, até mais Sam. Boa tarde Sra. Duchamp.

- Me chame de Karyn, por favor - Ela a encara pensativa - Amanha será aniversário de meu outro neto, Luke. Gostaria muito que você viesse.

- Eu...

- Tem que vir, lembre-se que ainda me deve uma xícara de chá juntas.

- Venha Steph - Sam as interrompe - Poderá conhecer a minha família inteira, que é muito grande mesmo.

- Isto e traga seu amigo - Karyn aponta para o carro

- Certo - Stephanie concorda sem outra alternativa

- O que aconteceu? - Simon pergunta - Ficaram um bom tempo conversando no portão.

- Fomos convidados para o aniversário de um dos netos da família Duchamp

- E quando será?

- Amanhã, você quer vir?

- Claro, e por que não? Adoro festas.

Stephanie nunca viu esse lado descontraído do irmão. Há 10 anos quando o conheceu, ele já estava na faculdade. A relação entre os dois só começou a se estreitar após a formatura de Stephanie quando começaram a se ver mais freqüentemente. Cada um era o irmão que o outro não teve e sempre quis.

Completavam-se e não passavam muitos dias sem se ver, afinal, tinham perdidos 16 anos separados. Quase uma vida.

- Tire o casaquinho, Stephanie

Simon olhava para o elegante traje de festa da irmã, com o corpete justo todo bordado com miçangas. A saia de cetim brilhava e descia drapejado até o chão. A única parte que distorcia tão belo traje era o casaquinho bolero que Stephanie havia mandado fazer. Ela tinha gostado muito do vestido, mas os ombros a mostra não a agradou. Só comprou porque a vendedora sugeriu que fizesse um casaco para cobrir os ombros

- Não, não vou tirar. Você sabe da cicatriz que tenho no ombro - Stephanie vira e se afasta

- Simon não as pressione - Tia Lucin se aproxima do sobrinho - Ela ainda enxerga a cicatriz de antes da operação

- Sim, antes o tecido de seu ombro estava totalmente enrugado, como uma colcha de retalhos. Agora, após cirurgia plástica que seu pai insistiu, sobrou apenas uma pequena cicatriz em forma de estrela no ombro, mas ela ainda não aceitou isso.

- Mas já se passou 10 anos

- Eu sei, mas a marcou profundamente, não só no físico como na alma - Tia Lucin sorri - Mas vejamos, ela está bem melhor, agora vai nadar com você na piscina, coloca roupas um pouco mais curtas, antes só andava de manga comprida.

- Certo, já entendi, deixarei que ela mesma decida - Ele se vira e chama a irmã - Podemos ir, Steph?

Os dois passam o caminho inteiro conversando, Simon gostava de ouvir como havia sido a infância da irmã no orfanato.

A primeira pessoa que encontraram ao entrar na festa foi Samuel.

- Steph... - Ele veio correndo em sua direção - Chegaram tarde

- O transito está horrível, querido - Ela o abraça

- Tudo bem - Sam a puxa pela mão - Venha conhecer meus primos. Eles não acreditam que você é minha amiga.

Stephanie sorri e segue Sam. Conheceu a enorme família de Samuel Duchamp. Primos por todos os lados, tios e tias, mas o momento de maior honra foi quando lhe apresentaram o legendário Karry Klauter e Samantha Klauter, bisavôs de Sam.

- Meu bisavô faz todo mundo treinar Tae Kwondo - Sam sorri - Todos praticam, até as meninas. Ele disse que era importante saber se defender. Lembro uma vez que tia Alex estava contando que quase foi seqüestrada, mas por saber lutar ela conseguiu fugir.

- Eu não sei lutar nenhum tipo de luta - Stephanie sorri

- Mas você não precisa, eu te protejo - Sam sorri importante. - Acho que já conheceu todo mundo - Ele fica pensativo - Faltou o meu pai, mas espere aqui você deve estar cansada - Sam olhava a figura frágil de Stephanie e pensava que nem que ela quisesse aprender alguma arte marcial conseguiria com o físico tão delicado - Vou procurá-lo.

Stephanie assente, Sam era realmente um garoto muito atencioso. Olhava de um dos cantos da sala para o salão lotado de pessoas. Dentre as vozes reconheceu uma

- Onde você quer que eu vá?

Era William Braick. Era muito azar encontrá-lo nessa festa. Stephanie se vira lentamente e encontra aquele olhar brilhando. Ele vinha em sua direção. Ela tinha que fugir, se esconder dele. Sem pensar em Simon, Stephanie dá a volta e corre em direção à entrada. Chegando a rua o trânsito continuava intenso. Ela tinha que chegar ao outro lado para conseguir pegar um taxi.

- Stephanie! Stephanie! - Ela olha para trás, era Sam correndo atrás dela - aonde vai?

Ela sabia que não podia para e explicar para o amiguinho o que estava acontecendo, no dia seguinte ligaria e inventaria uma boa desculpa, mas agora precisava fugir se esconder.

- Stephanie, espere.

Ao virar novamente, Stephanie vê uma cena surreal. Sam continuava correndo atrás dela e atravessava a rua sem olhar.

No começo da rua vinha um carro em alta velocidade que não viu o pequeno garoto.

- Saía daí, Sam - Stephanie grita, mas ele não a escutou e ainda parou no meio da rua tentando decifrar os gestos de Stephanie - Saía da rua, querido!

- O quê?

Stephanie já corria novamente, mas agora em direção á Sam. Se tivesse um pouco de sorte conseguiria afastá-lo de lá. Ao se aproximar de Sam, o carro já estava bem perto. Tudo o que conseguiu fazer foi abraçar o menino e tentar jogá-lo para a calçada. Não conseguiu. Ouviu um alto som do brecar do carro e segundos depois sentiu o impacto do carro em seu corpo. Eles caíam, ela pensa, não podia cair em cima de Sam, seu peso o machucaria ainda mais. Com esforço conseguiu girar o corpo e amorteceu a queda de Sam com o próprio corpo.

Capítulo V

William não podia acredita no que via. Stephanie e seu filho abraçados, recebendo o impacto do carro. Quando ele chegou perto notou os dois inconscientes no chão.

- Eu não tive culpa - Um velhinho, por volta dos 70 anos tremia - Eles apareceram do nada. Eu... Eu...

- Acalme-se Sr. - William tentava acamá-lo. Não queria ter mais um paciente para o grupo de resgate que chamaram - Não se preocupe

William deixou o motorista com o irmão, David, que cuidaria dele dentro da casa. Ele se ajoelhou ao lado de Stephanie e Sam. O cabelo dos dois era da mesma cor. Raios de sol, como Karen dizia, para iluminar o meu dia. Passou algum tempo olhando para os dois, quando foi afastado pelos paramédicos

- Com licença Sr. Precisamos trabalhar.
- Papai... - Sam o chama receoso
- Estou aqui, filho - Ele se aproxima do já imobilizado Sam
- Stephanie vai ficar bem?
- Vai sim filho, ela vai ficar bem, tem que ficar...
- Não se aproxime - Um estranho o adverte ao vê-lo se aproximar de Stephanie - Agora sei quem você é. O causador de tudo o que ela passou, mas não deixarei que você a magoe novamente - Simon diz e entra na ambulância acompanhando Steph.

- O que Simon quis dizer, papai?
- Simon? Então este é o Simon - William olha pensativo para a ambulância se afastando. Segundo depois acompanhava Sam ao hospital.

- Pai...
- O que aconteceu, Simon - Stephen não podia acreditar no tom de voz de seu filho.
- Stephanie sofreu um acidente e...
- Não! - Lágrimas brotavam dos olhos do executivo durão da Hermann technology - Não pode ser...
- Acalme-se, pai - Simon diz preocupado - Acho bom vir para o hospital, caso Stephanie precise de uma transfusão de sangue.

Stephen desliga o telefone e caminhava para a porta quando a campainha tocou.

- Não tenho tempo para visitas, Lucin - Ele disse trancando a porta e ligando o alarme - Estou com pressa, preciso ir ao hospital.

- Simon, me ligou pediu que eu te levasse

Stephen assente, e entra no carro de Lucin, seu filho havia pensado em tudo se estivesse dirigindo com certeza iria ultrapassar muitos faróis vermelhos e assim correria um risco maior.

- Por favor, pise no acelerador - Ele diz exasperado, mas Lucin o ignora.
- Ludwig já foi para o hospital. Mesmo sendo obstetra, os médicos

podem falar mais abertamente com ele.

Stephen assente seu cunhado era um homem muito bom.

- como ela está? - Stephen pergunta ansioso para Simon

- Eu não sei os médicos a levaram e até agora não tive nenhuma noticia.

Ludwing e outro doutor saíram.

- Stephen, precisam de você novamente. Steph precisa de seu sangue.

- Como ela está?

- Faremos uma nova cirurgia e...

- Stephanie... - Stephen se lembra da ultima cirurgia que a filha fez. Ela havia jurado que se precisasse passar novamente pela mesa de operação, ela preferiria a morte.

Stephen segue a enfermeira para a sala de coleta.

- Que sorte a nossa - a enfermeira tagarelava enquanto tirava o sangue - um menino também sofreu um acidente hoje, e todos estávamos preocupados, pois seu sangue também é raro, e o pai não possuía o mesmo tipo sanguíneo. Agora não precisamos mais nos preocupar.

Stephen apenas assente alheio ao que a enfermeira falava.

- Como Stephanie está?

- não é da sua conta, William - Simon é ríspido

- Por que está brutalidade? - Stephen pergunta para o filho ao voltar para a sala de espera, e estranha ao ver a atitude de seu filho e os olhos arregalados da irmã

-Você! - Lucin o encara perplexa - O que está fazendo aqui, William Braick?

- Você é William Braick - Stephen sente o sangue subir na cabeça, e sem raciocinar avança sobre William e desfere um soco nele.

- Pai!

- Stephen!

Simon consegue segurar o pai e o afasta de William. Com a boca inchada e sangrando os encarava perplexo.

Lucin leva William para a enfermaria, onde ele teve os ferimentos

suturados. Ela volta para a sala de espera.

- Endoidou Stephen? - Lucin repreende o irmão - Como pode fazer isso?

- Desculpe, me descontrolei - Num impulso ele se levanta - Temos que tirar Stephanie daqui.

- Mas...

- Vou conversar com o Doutor

Stephen sai e após vários minutos consegue a transferência de Stephanie para um hospital particular.

- Boa noite - William se encaminha para a recepção estranhando ao encontrar a sala de espera vazia - Gostaria de saber qual o estado da paciente Stephanie Garhouse?

- Aguarde um pouco enquanto verifico - A recepcionista procurava no computador - Sr. Não há nenhuma paciente com esse nome.

- Mas como? Ela entrou há poucas horas e...

- Há uma Stephanie Hermann.

- Hermann... - Será que ela casou? - Onde ela está?

- Foi transferida para outro hospital

- Qual?

- Não sei lhe informar, Sr.

William se afasta confuso. Ela havia se casado e acrescentou o sobrenome do marido, por isso George nunca a encontrou. Agora poderia achá-la.

- Pai, já vamos embora? - Sam andava com o braço enfaixado

- Sim, você pode dormir em sua própria caminha ainda hoje

- E Stephanie? Quero dar um beijo nela e...

- Ela não está aqui.

- Mas eu queria tanto vê-la

Sam se afasta ressentido. Ao chegar a casa, após colocar Samuel na cama, William telefona para Evans.

William abre o envelope *confidencial* que George lhe mandou com muita eficiência na manhã seguinte.

"Agora sim, William, consegui muitas informações sobre Stephanie Hermann. Como você pediu, estão em anexos os últimos dez anos da vida dela.

Nome: Stephanie Garhouse Hermann

Idade: 28 anos

Profissão: Psicóloga infantil"

William fica pálido ao continuar a leitura. Stephanie morava com Stephen Hermann há dez anos. Então eles haviam se casado logo após o nascimento de Sam, ele pensa. Mas o que ela está pensando? Casar com um homem tão mais velho que tinha idade para ser seu pai. Agora que sabia por onde ela passou não iria querê-la perto de Samuel. Não era uma boa influencia. Só esperava que Samuel não estivesse muito ligado a ela.

- Como Stephanie está? - Stephen pergunta ao ver o médico sair.

- A cirurgia foi um sucesso. Fiz umas pontes no osso da perna esquerda, para cicatrizar e calcificar melhor e mais rápido.

- Certo, e não se esqueça Dr. Delacroix, não quero que ninguém saiba onde ela está.

- Como da outra vez?

Stephen assente.

Uma semana após o acidente. Samuel já estava completamente bom e cansado dos cuidados dos avós e do pai. Eles não deixavam que ele fizesse nada.

- Eu ainda tenho o outro braço - ele diz indignado para o pai - eu posso muito bem fazer as coisas sozinho.

- Está bem - William sorri orgulhoso da independência do filho.

- Pai? - William vê o semblante do filho se fechar - Você não sabe mesmo onde Stephanie está?

- Não, filho - William a havia procurado no dia seguinte a saída do hospital, por insistência de Sam, mas não a encontrou. Parecia que Stephanie tinha sido sugada pela terra.

- Pergunte para tia Ally, elas trabalham juntas, aposto que ela sabe onde está.

William assente. Não tinha pensado na enorme influencia que Stephanie estava exercendo em seu próprio filho. A teimosia de Sam era muito conhecida, William sabia que essa característica o filho havia herdado dele, e sabia que não tinha outra alternativa que não fosse achar Stephanie.

Capitulo VI

- Stephanie - Stephen abre a porta e vê a filha pular de susto - Não se assuste querida, sou eu, seu pai.

- Oi pai - Stephanie sorri, tremula _ Aconteceu algo?

- Sim, ainda acho que é muito cedo para você ir trabalhar. Não quero te amedrontar, mas você já pensou se ele aparece?

- No Hospital estarei segura e além do mais meus pacientes precisam de mim.

- Eu preciso mais.

Mas Stephanie não ouve e segue para o trabalho.

- Vamos Ally, onde Stephanie está? - William estava impaciente com a prima - Olhe para Sam - Will aponta para o filho que faz uma carinha de cachorrinho perdido

- Se eu pudesse ajudar, ajudaria, mas realmente não sei onde ela está e...

- Stephanie! - Sam grita e corre para a entrada do hospital e se joga em seus braços - Estava com saudades de você! Onde estava? - Sam a

bombardeava com tantas perguntas que Stephanie não sabia o que dizer - Não vai embora, não é?

Stephanie olhava para os olhos brilhantes de Samuel e não queria desapontá-lo, mesmo que para isso teria que suporta William que se aproximava e a encarava surpreso.

- Você não conheceu meu pai... - Sam continuava a falar - Saiu correndo como se tivesse visto um fantasma.

- Eu...

- Não importa - Sam a corta - agora você pode conhecê-lo - Pai está é a Stephanie, minha amiga.

Stephanie ainda estava atordoada, não se lembrava de nenhuma palavra que havia trocado com William. O encontro não durou nem cinco minutos, mas foi o suficiente para amedrontá-la. Samuel era filho de William. Não podia ser... Steph começava a se lembrar do dia em que conheceu Sam. Era o aniversário de Samuel, ele mesmo havia dito. Dúvidas começaram a se formar em sua mente. Ela pega a ficha de Samuel.

Nome: Samuel Duchamp

Data de nascimento: 15 de Abril de 1997.

Não, ele não era seu filho. Então por quê?

- Steph, posso entrar? - Era Ally que estava na porta.

- Pode Ally - Stephanie a encara e uma idéia surge em sua cabeça - Ally, Sam é seu sobrinho, não?

- Sim...

- Aqui em sua ficha está marcado que ele nasceu no dia 15 de Abril, mas quando eu o conheci estávamos no dia 20 e ele disse que era seu aniversário...

- Ah... Isso é por causa da mãe de Sam. Os dois nasceram na mesma data e Karen quis que o filho festejasse em outra data para que pudessem ter uma comemoração especial para cada um.

Steph assente. Agora compreendia tudo.

- Steph? - ela estremece ao ouvir aquela voz. Só podia ser um pesadelo, encontrar com ele duas vezes no mesmo dia - Não vai falar comigo?

- Estou tentando te ignorar, mas pelo visto você é insistente.

William sorri. Ela havia mudado muito nesses anos todos. E para melhor. Não era mais aquela doce adolescente ingênua que havia conhecido há 10 anos. Antes parecia uma gata mansa, agora uma tigresa feroz.

- Eu gostaria de me explicar.

- Não quero ouvir suas mentiras. O que vai dizer? - Stephanie o olha com desprezo - Sua esposa tinha acabado de dar a luz quando você roubou o meu filho. Por quê? Pelo puro prazer de me fazer sofrer? - Stephanie estava exaltada - Bom, então conseguiu. Estou vivendo no inferno há 10 anos. E me deixe lá - Ela o empurra e sai correndo, tinha que se refugiar.

Agora William tinha certeza de que havia ferido e muito Stephanie. Faria tudo para amenizar pelo menos um pouco esse problema.

- Filho, e se convidássemos Stephanie para jantar?

- Aqui em casa? - Sam pergunta surpreso e exulta ao ver a afirmativa do pai - Obal!!! Vou ligar agora.

William sabia agora qual a arma secreta que poderia utilizar para se redimir com Stephanie. O filho deles.

Stephanie estacionava o carro em frente a luxuosa casa. Não poderia culpar o menino por causa do erro do pai, mas se pudesse escolher com certeza não estaria indo para a casa de William. Nem teve tempo para respirar fundo e tocar a campainha quando a porta se abriu.

- Olá Stephanie

- William - ela consegue dizer após alguns segundos.

- Vamos, entre.

Stephanie o acompanha até a sala e aliviada vê Sam a esperando.

- Steph Você chegou... - Sam corre e a abraça. Stephanie sente como se tivesse voltado para casa.

Com a presença de Samuel o jantar flui normalmente, mas Stephanie continuava tensa. A mera proximidade com William já a deixava com os nervos a flor da pele.

- Venha jantar amanhã também, Steph - Sam diz enquanto comiam a sobremesa.

- Não posso querido. Combinei com Simon de jantar com ele.

- Stephen Hermann sabe desse jantar?

- Não estou entendendo a sua insinuação, William - Stephanie se levanta

- Está tarde e acho melhor ir embora - Sam assente e a leva até a porta, seguidos por William - Mas antes de ir, quero deixar claro que o que eu faço da minha vida não diz respeito a você William Duchamp.

- Fique aqui, Sam, vou levar Stephanie até o carro. Vá tirando a mesa.

Stephanie percebe que William a seguiu

- O que você quer?- ela pergunta ríspida

- Agora que estamos a sós, podemos conversar melhor.

- Eu não quero conversar com você, William. Será que não consegue entender que não quero ter nenhum contato com você, que se não fosse por Samuel eu nem me lembraria que você existe?

- Não se lembra mais de mim? - Um ciúmes doentio começa a surgir em William - Mas eu ainda me lembro bem de como me beijava, de como sussurrava meu nome, de como não queria que eu te deixasse sozinha,

- Isso foi antes - Stephanie diz ríspidamente - Antes de o bebê nascer. Para ser mais exata foi antes de você se mudar para morar comigo. A partir daquele dia comecei a conhecer o verdadeiro William Braick, ou melhor, o verdadeiro William Duchamp.

William não agüenta ouvir tanta amargura já voz que antes era tão doce. Aproxima se dela

- Eu não acredito - Sem esperar uma resposta, William a pega pelo braço e a beija. Stephanie não retribui o beijo, é fria como uma estatua de gelo - Pelo visto você mudou realmente.

- Não fui eu que mudei William - Stephanie diz amarga - Você me mudou.

Conseguiu matar aquela jovem boba e apaixonada por você. Aquela que achava que o mundo girava em torno de você. Conseguiu matar todo o amor que eu sentia por você. Agora eu te odeio-te desprezo

Stephanie sai deixando William atônito. William a vê se afastar, decidido a reconquistá-la. Não acredita que o amor tão grande que ela sentia pudesse morrer tão facilmente. Agora que a reencontrou percebeu que a amava. Percebeu que seu amor por Stephanie era muito maior do que o que sentiu por Karen. Agora entendia porque necessitava tanto achá-la durante esses dez anos. Não apenas por remorso, mas por amor. Um amor que nasceu de uma forma diferente, com um inicio diferente. Agora iria se explicar, tudo desde o início, e a conquistaria novamente. Nada menos que isso. Queria sua doce stephanie novamente. Carinhosa e amorosa. Ao seu lado para cuidar dele e de Samuel. Agora seu filho seria amado por sua mãe. Sua verdadeira mãe.

Capitulo VII

- Stephanie! - Sam grita e entra ofegante em seu consultório.

- O que aconteceu - Steph sorri

- Steph, meu pai disse que você é minha mãe - Stephanie paralisa, e encara o rosto sorridente de Sam - Eu estou tão feliz - Ele a abraça - Papai disse que você perdeu a memória por isso não lembrava mais de nós. Também me disse para não te dizer tão cedo, pois você poderia levar um choque... Mas você está bem, não? - Ele a encarava ansioso e ela assente - Então já se lembrou de nós? Já se lembrou que eu sou se filho?

Stephanie queria desmentir tal absurdo, mas fica impotente diante da alegria se Sam. William pagaria caro por essa mentira.

- Venha almoçar conosco, Steph, e diga para o papai que você está bem.

- Perdoo-me, Sam, mas hoje eu não posso tenho muitas consultas marcadas que não poderão ser remarcadas. Fica para outro dia.

Stephanie vê o rosto alegre de Samuel murchar, mas não poderia fazer nada, estava chocada demais para raciocinar em como sair da armadilha que

William lhe preparou.

- Papai, sou eu Sam - O filho entra sorrindo - Eu estava pensando, pai, já que Stephanie é minha mãe, será que eu poderia dormir na casa dela hoje?

- Eu não sei filho - William não queria que o filho ficasse muito ligado a Stephen Hermann, ainda não sabia como excluí-lo da vida de Stephanie - Não pode ir se convidando para a casa dos outros e...

- Ma Stephanie deixa... - Sam reflete alguns segundos e acrescenta - Acho melhor começar a chamá-la de mãe. Fica estranho chamá-la pelo nome..., bem pai, vou ligar para ela - Sam sai do escritório sem dar tempo do pai falar mais nada.

- Duchamp falando - Stephanie sente a raiva borbulhar em seu sangue de maneira crescente ao ouvir aquela voz.

- Como teve coragem de dizer tamanha barbaridade para o seu filho? - Stephanie grita - Como pode mentir com tanto descaramento só porque satisfaz os seus planos? Será que não entende que não quero vê-lo nunca mais em minha vida? Já não me magoou o suficiente por toda uma eternidade? Se não fosse pelo carinho que tenho por Sam eu sumiria da face da Terra e nunca mais poria os olhos em você. Não use mais Samuel para me manipular em suas armadilhas.

- Mas, Stephanie, deixe-me explicar, Sam é realmente o seu filho e...

- Não! O meu filho morreu, e por sua causa, você matou-o - Stephanie estava entrando em uma crise histérica

- Pai, não consigo falar com Stephanie, o telefone está ocupado - Sam entra no escritório

- Ela está aqui comigo - ele lhe mostra o celular - Vou passar para ela

- Não, William, não ouse colocar Sam na linha eu...

- Olá, mamãe - Sam a interrompe - estive pensando se eu poderia ir dormir na sua casa hoje, para ver se você se lembra mais rápido de mim

Stephanie não conseguiu negar diante do tom carente de Sam, este

menino realmente precisava de um carinho maternal. E por ele, ela aceitaria.

- Está bem, Sam. Irei te buscar depois que sair do hospital, arrume uma malinha com suas roupas.

- Oba, obrigado! - Sam grita feliz - Vou passar para o meu pai...

Stephanie não conseguiu recusar e se via falando com William novamente.

- Stephanie eu...

- Vou buscar Sam às 18 horas, ele jantará comigo, e o levarei de volta amanhã - Stephanie desliga sem dar tempo para William responder.

- O que eu fiz? - William murmura consigo mesmo, com o telefone ainda em mãos - Inverti toda a situação, e agora piorei as coisas - Minutos depois o telefone volta a tocar - Stephanie, eu... - era sua mãe.

- William o que está acontecendo? Sam acabou de me ligar dizendo para arrumar uma mala com roupas que ele ia dormir na casa da mãe. De quem ele está falando?

- De Stephanie, eu falei para ele que ela era a mãe dele.

- Mas porque a mentira?

- Não é mentira, é verdade. Stephanie Hermann foi a garota que conheci á dez anos, mas na época ela ainda era apenas Stephanie Garhouse.

- E como ela aceitou a noticia?

- Ela não acreditou mãe, o que eu faço? - a pergunta ficou no ar, sem respostas.

- Já estou pronto! - Sam grita ao ouvir o toque da campainha, mas o pai havia sido mais rápido e já abria a porta

- Boa noite, Stephanie.

- Boa noite, Sr. Duchamp - Stephanie o trata friamente.

- Podemos ir, mamãe - Sam pega na mão de Steph e a puxa para fora - Vamos logo

- Esperem - William consegue dizer - Por que não jantamos fora e depois vocês vão?

- Simon já está preparando um jantar especial para hoje - Stephanie diz e sai com Sam.

- Por que ele vai dormir aqui hoje? - Tia Lucin pergunta ao levarem os pratos para a cozinha

- William Duchamp disse para Sam que eu era a mãe dele...

- O quê?! - Lucin deixa os pratos caírem, Ludwing e Stephen entram correndo.

- O que aconteceu? - eles perguntam ao mesmo tempo

- Pelo visto terei de contar agora - Stephanie termina de catar os cacos e pega o café.

- Mamãe! - Sam entra na cozinha e não percebe o olhar atônito de todos

- Você não vem jogar conosco?

- Já vou Sam, continue a jogar com Simon - Sam assente e volta para a sala, estavam jogando o vídeo game de ultima geração.

- Por que ele te chamou de mãe? - Stephen pergunta para a filha.

- William Duchamp disse que eu era a mãe dele, mas isso é só uma forma dele se livrar das perguntas de Sam, ele não consegue explicar para o filho onde está a sua verdadeira mãe - Stephanie sai da cozinha, e não viu o olhar que o pai e os tios trocaram.

- Já chega por hoje - Stephanie desliga a tevê - está tarde e você precisa dormir, não quero ouvir reclamações de sua avó amanhã - Ela fala olhando para Sam.

- Onde eu vou dormir? - Sam a segue escada acima

- No quarto ao lado do meu.

- Oh! - Sam fica maravilhado com o quarto. Em cima da cama havia uma colcha com foguetes e aviões. O abajur era no formato de uma Ferrari, o quarto inteiro estava decorado para um menino - De quem é esse quarto?

- De alguém que gosto muito - Stephanie diz - Mas hoje será ser quarto?

- Só hoje? - Sam pergunta tristonho - Não poderei mais vir dormir aqui com você, mamãe?

- Está certo, então será o seu quarto de hoje em diante

- Oba! - Sam corre pelo quarto abrindo todas as gavetas e armários - Aqui tem até roupa de bebê... aqui sim, estas roupas servem em mim - ele pega o ultimo pijama que Stephanie havia comprado, dois meses atrás - posso usar esse?

Stephanie apenas assente as lagrimas enchendo seus olhos, mas não queria chorar na frente do menino.

- Boa noite, Sam, durma com os anjos - ela estava na porta, preste a apagar a luz.

- Não vou ganhar um beijo de boa noite? - Stephanie assente, e se aproxima, ao abaixar a cabeça Sam a abraça forte com seus braços fininhos - eu te amo, mamãe, estou muito feliz que seja a minha mãe.

- Eu também te amo querido - Stephanie sai rapidamente do quarto, não conseguia segurar as lágrimas que corriam abundantemente por sua face.

Capítulo VIII

- Foi á noite mais legal da minha vida - Sam falava para os primos, quanto o pai e os tios conversavam por perto - Jogamos vídeo game a noite inteira, eles têm aquele vídeo game novo, que você tem que se mexer para funcionar. Obrigado pai, pelas aulas de tênis - ele se vira para o pai - consegui ganhar da mamãe facilmente, mas de Simon não deu. Ele joga muito bem, quase como você pai - e Sam se vira para continuar a conversar com os primos.

- Por que está chamando-a de mãe? - Andrew pergunta - Minha mãe disse que ela é apenas uma médica.

- Tia Ally ainda não sabe Drew, mas Stephanie é minha mãe. Mas ainda é segredo, ninguém pode saber ouviu? Principalmente você Luke, não pode contar para tia Letty.

- Se é tão legal assim, também queremos dormir lá.
- Não sei - Sam estava indeciso - Teriam que conversar com suas mães e não sei se tia Letty, Tia Ally, Tia Sophie e Tia Alex deixariam...
- Por que está tão nervoso William? - A mãe pergunta
- Sam passou a noite de ontem com Stephanie e com Simon.
- E o que você queria que ela fizesse? Já foi muito bom da parte dela aceitar levar Sam, não poderia desmarcar um encontro que tinha, não?
- Isso não vai ficar assim - William se levanta decidido, já havia tomado a sua decisão - Sam venha cá vamos dar uma volta.
- O filho levanta rapidamente e segue o pai contente.
- Me conte o que você fizeram ontem?
- Bom nós comemos a comida que Simon preparou, estava muito bom, eu não sabia que homens cozinhavam - Sam diz ingenuamente - Depois conversamos enquanto Tio Stephen, Tio Ludwig e Tia Lucin conversavam
- Stephen e Simon estavam juntos?
- Sim, por quê?
- Por nada, filho. Sabe o que estava pensando... o que você acha de convidarmos Stephanie para vir passar uns dias na nossa casa? Já que você está quase de férias, assim poderia vê-la todos os dias e...
- Certo pai vou ligar para ela agora - Sam sai correndo.

Stephanie ainda olhava para o telefone desligado em sua mão. Como as coisas poderiam mudar tão drasticamente de um dia para o outro. Como pôde aceitar o pedido de Sam para dormir uns dias em sua casa. Será que conseguiria passar a noite no mesmo teto que William?

- Boa noite, mamãe - Sam a abraça e recebe o beijo de Stephanie. A noite tinha sido agradável, Sam conseguia colocar os pais em harmonia.
- Stephanie... - William a chama o vê-la sair do quarto do filho - Podemos conversar?

- Não William, não quero conversar com você - Stephanie o encara e Will vê aquele olhar tomado por uma dor imensa. Aqueles olhos azuis antes tão vivos e jovens agora só guardavam mágoa. Uma mágoa que William sabia ter sido provocada por ele.

- Está certo, não converse comigo, mas aceite pelo menos o meu pedido de desculpas... - William é interrompido pela risada sarcástica de Stephanie.

- Desculpas?! Um pedido de desculpas por todo mal que me causou? Por toda dor que me afligiu? Não posso, não consigo te perdoar - Stephanie caminha em direção ao quarto de hóspedes com William lhe seguindo - Não posso te perdoar porque já me esqueci de tudo. Depois de todos esses anos a única forma de conseguir continuar a viver foi esquecer tudo. Essas lembranças em minha mente não passam de um pesadelo do qual eu já acordei. Nunca tive um filho. Foi só um sonho... um terrível sonho...

- Stephen Hermann sabe de tudo? - William pergunta desolado - Contou antes de se casarem?

- Casar? - Stephanie pergunta confusa - Eu nunca me casei.

- Então por que usa o sobrenome de Hermann?

- Pelo visto, William, você continua achando que todo mundo é como você

- Stephanie se senta na cama - Stephen Hermann é meu pai.

- Seu pai? - Agora William a encarava confuso - Mas você era órfã e...

- Acertou, eu era órfã, e por isso se aproveitou de mim, não? - Stephanie pergunta sarcástica - Se eu tivesse uma família onde pudesse ser protegida, aposto como nem teria se aproximado de mim. Mas o que você não sabe William é que eu sairia de sua vida se me deixasse com meu bebê. Você nunca mais iria me ver. Não precisava temer que eu aparecesse em sua porta com meu filho nos braços e fosse pedir ajuda para você ou sua família. Não iria incomodar sua querida esposa e seu filho recém-nascido. Eu sumiria do mapa contando que tivesse meu filho nos braços...

- Mas Sam é... - William tenta interrompe-la, mas Stephanie o impede.

- Não vamos falar de Sam. Não, ele é um ótimo garoto e não merece o pai que tem.

- Certo então não falaremos de Sam, mas me diga como descobriu o seu pai?

- Depois de dar a luz ao meu bebê eu perdi muito sangue - Stephanie volta ao passado. Aquela seria a ultima vez que relembriaria de tudo o que aconteceu há dez anos. Ultima vez para reviver a dor insuportável que quase lhe tirou a vida - E também com o acidente eu fiquei ainda mais vulnerável - William queria interromper e perguntar sobre o acidente, mas Stephanie o faz calar com a mão - O meu tipo sanguíneo é bem raro, e o Dr. Wilfremann percebeu que o meu tipo sanguíneo era o mesmo da esposa. Mas mesmo com a doação de tia Lucin ainda precisava de sangue, então ela chamou o irmão Stephen. Com mais essa doação eu pude me recuperar aos poucos fui voltando a vida. Depois de curada fui agradecer pessoalmente a pessoa que me havia salvado - Stephanie fecha os olhos e revê a cena.

- Sr. Hermann - a secretaria o chamava - Há uma Srta. aqui que diz que precisa muito falar com o Sr.

- Quem é, Susie? - Stephen estranha, nenhum desconhecido iria ao seu escritório sem antes marcar uma hora e sua eficiente secretária também não a deixaria entrar por mais que insistisse.

- Acho melhor o Sr. ver pessoalmente, ela diz que se chama Stephanie Garhouse e quer lhe agradecer pela ajuda no hospital.

- Peça que entre - Stephen se lembra da juvenzinha que precisava do seu sangue. Seria bom conhecê-la e ver que realmente estava fora de perigo. Ele se levanta quando a porta se abre - Boa... mas... - Stephen olhava para um fantasma a sua frente - Não pode ser... Sara?

- Perdão Sr. - Stephanie estava confusa. Por que este Sr. a chamava pelo nome de sua mãe.

- Não, Sara está morta. O detetive me disse que estava morta - Stephen se senta - Mas então quem é você? Stephanie... não pode ser... Stephanie minha filha - Stephen se levanta num salto e a abraça - Não sabe como sonhei com esse dia.

Stephanie estava muito confusa, só sabia que aquele abraço caloroso

estava lhe fazendo muito bem.

- Me desculpe, você deve estar estranhando... - Stephen se afasta - Mas sente-se tenho certeza de que compreendera tudo depois que eu te explicar.

Stephanie ouvia maravilhada a historia da sua vida o acidente com sua mãe que a impediu de crescer ao lado do pai. Acidente que fez com que a mãe perdesse a vida e ela fosse levada para um orfanato. Só sabiam que ela se chamava Stephanie pelo ursinho que estava com ela quando foi encontrada. E sabiam o nome de sua mãe, pois antes de morrer havia dito ao médico. Descobriu que tinha um irmão mais velho que estava na faculdade, descobriu que não era mais sozinha nesse mundo. Que tinha uma família. A partir daquele dia a vida de Stephanie mudou. Como se o passado não tivesse existido, agora era Stephanie Hermann. Stephanie Garhouse continuava em sua memória, mas não existia mais. Decidiu seguir a carreira da tia, mas voltada especialmente para as crianças. Uma forma de compensar a grande perda de sua vida.

- Então Simon é seu irmão? - Stephanie assente.

- Agora que sabe deu tudo espero que nunca mais me lembre deste passado - Stephanie diz decidida

- Mas Sam...

- Justamente por Sam. Se quiser realmente que eu continue perto de Sam, não me fará lembrar este passado dolorido. Como eu disse tudo não passou de um pesadelo, um terrível pesadelo que não quero me lembrar.

Capitulo IX

William aceitou as regras de Stephanie nunca mais tocou no que aconteceu há dez anos, e assim os dias foram se passando. Sam estava cada vez mais apegado a Stephanie, entre os dois nascia uma atmosfera de mãe e filho que não existia entre Sam e Karen.

Stephanie tinha o seu trabalho, mas todas as noites dava um beijo de

boa noite em Sam. A situação estava ficando complicada, Sam não conseguia se separar da mãe nos dias em que Stephanie voltava para sua própria casa.

- Mas mamãe - Sam dizia choroso - Por que você não pode passar a noite aqui para sempre?

- Eu tenho minha casa meu amor - Stephanie sorri, não era difícil amar esse pequeno garoto que tanto necessitava de atenção e carinho que somente uma mãe poderia dar. - preciso voltar para lá.

- Então deixe que eu vá com você e...

- Já disse que não, Sam - William aparece na sala para interferir - Stephanie precisa ir embora, está tarde, e você precisa dormir, amanhã iremos a casa da vovó.

- Por que não pode ficar morando conosco para sempre? - Sam pergunta choroso - por que não posso ter uma família como a dos meus amigos? Com o pai e a mãe morando na mesma casa? Por quê? - Sam grita e corre para o seu quarto. Segundos depois Stephanie e William ouvem o forte estrondo da porta se fechando. Samuel realmente ficara furioso.

- Stephanie, precisamos conversar e...

- Não, William, eu sei o que vai me pedir, mas é impossível. Posso ajudar a cuidar de Sam, mas nunca poderei ser sua esposa - Stephanie se vira e vai embora. Deixando para trás um William arrependido. Seria tão bom se Stephanie realmente o perdoasse e pudessem formar juntos uma linda família.

Em seu carro, Stephanie encosta a cabeça no volante. Não, não poderia ceder dessa vez. Não poderia sacrificar sua própria sanidade em favor de Sam. Não poderia casar com William, viver com ele diariamente, não agora que havia conseguido matar a tanto custo o amor que sentia por ele. Não. Era impossível.

Stephanie havia marcado uma pequena festa em sua casa para compensar o desagrado de Samuel. Todos os primos foram convidados e

assim Sam poderia mostrar como o tio era bom no vídeo game. Ao vê-lo brincando Stephanie quase acreditava que ele era seu filho. O sorriso era lindo, e aqueles cabelos loiros tão parecidos com o seu... mas não, ele não era seu filho. Não poderia ser.

- Mamãe! - Sam a chama irritado - Estava dormindo de olhos abertos? - Ele sorri.

- Não querido. O que aconteceu?

- Eu e o papai temos uma proposta para te fazer - Sam puxa o pai pela mão e tira uma pequena caixa do bolso, no que é imitado pelo pai.

Stephanie pressentia o que iria acontecer. Tenta impedir William, mas não consegue, a atenção de todos os familiares estavam nos três e ela não poderia desapontar Samuel.

- Mamãe - Sam se ajoelha seguido pelo pai - Quer se casar conosco?

Todos olham maravilhados para o anel. Era um bonito anel de safira, da cor dos olhos de Stephanie.

- Olhe mamãe - Sam se levanta e tira o anel da caixa - é um anel especial. Ele encaixa com outro - Sam tira o outro anel da caixa do pai - pronto, agora sim... então qual a sua resposta?

- Eu... - todos estavam na expectativa, somente Simon e Stephen estavam receosos - Aceito.

- Viva!!! - Sam grita e todos aplaudem, ele rapidamente pega na mão de Stephanie, mas se arrepende - Pai, acho que a honra é sua.

William assente e coloca o anel no dedo de Stephanie. Seu destino estava selado, e ele faria de tudo para que seu grande amor lhe perdoasse.

- Agora vamos deixar os noivos conversarem - Sam Puxa Stephanie e o pai para a biblioteca e fecha a porta.

Stephanie olhava para a porta fechada e não sabia o que fazer.

- Dessa vez eu juro Stephanie que não tive nada a ver com isso. Sam chegou ao carro e me deu a caixinha de veludo com a aliança.

- Não precisa se justificar - Stephanie o interrompe - Não quero ouvir nada. Pode deixar, não irei desapontar Samuel, haverá o casamento, mas um

ponto quero deixar bem claro: não ouse encostar suas mãos em mim. Será um casamento de fachada apenas.

William assente, melhor assim do que tê-la tão longe e inalcançável.

Capítulo X

O mês passou muito rápido, Sam havia convocado todas as tias para ajudá-lo a preparar a festa e a cerimônia, Stephanie só tinha que escolher as cores da decoração, as flores que queria de enfeite. Até no vestido de noiva Sam deu sua opinião:

- Quero um vestido bem bonito, com uma cauda bem longa, em um estilo de contos de fada - Sam olhava para a vendedora que sorria para o menino.

O grande dia chegou. Stephanie olhava para o próprio reflexo e não acreditava no que via. Era a imagem perfeita de uma noiva feliz, com um casamento feliz, mas só ela sabia o que realmente passava em seu coração. O que realmente sentia.

- Vamos filha, chegou a hora - Stephen entra no quarto - Tem certeza de que não quer desistir? Podemos fugir para algum canto onde nenhum Duchamp te encontrará e...

- Não posso pai. Não posso desapontar Samuel.

- Está certo, então vamos - Stephanie assente e segue o pai para o carro que os levariam para a igreja.

William estava impaciente. Os músicos contratados já estavam repetindo seu repertório romântico e nada de Stephanie aparecer. Será que ela não vinha? Esta era uma pergunta que rondava o cérebro de William desde a hora em que acordou. Andava de um lado para o outro, visivelmente nervoso. Todos os convidados já haviam chegado e olhavam divertidos para ele, antes um arquiteto tão meticuloso e firme que não demonstrava nunca suas emoções, agora por causa de uma mulher mostrava o seu lado humano.

Enfim a marcha nupcial soou com as primeiras notas. Todos os convidados se levantam como em sincronia e olham para a entrada da igreja. Lá estava parada a noiva mais bela que todos já tinham visto. Parecia um pequeno anjo que havia caído no mundo dos homens. Ela sorria, mas só William sabia que este sorriso não atingia a alma, era um sorriso forçado pelas circunstâncias, não um sorriso de amor. A cada passo que Stephanie dava em sua direção, William via mais nitidamente o olhar beligente dos olhos azuis.

Stephanie andava e andava como se a nave da igreja não terminasse nunca. Parecia que nunca chegaria até William que a olhava de modo vidrado. As maçãs do rosto já começavam a doer pelo sorriso forçado que dava.

- Cuide bem de minha filha - Stephen Hermann adverte ao entregar Stephanie para William.

- Cuidarei dela com a minha vida - William diz de coração.

Foi a cerimônia mais linda que todos já tinham presenciado. Não haveria casal que combinassem de maneira mais perfeita.

Sam irradiava felicidades por todos os poros. Orgulhoso da nova família. Os três juntos passavam a imagem de uma família feliz.

A recepção foi na mansão Klauter, onde o avô de William, Karry Klauter fez um discurso comovente que levou todos as lágrimas.

- De hoje em diante não serão duas pessoas mais e sim uma. Unidas eternamente. Seguirão suas vidas juntas, um apoiando no outro, um ajudando o outro. Mais do que marido e mulher, serão amigos, companheiros e amantes. Não há intimidade maior que o casamento, as alegrias passadas juntas nessa época serão inesquecíveis - Karry olha para a esposa, e todos vêem o amor que os uniu há mais de 70 anos - Enfrentarão os problemas juntos, unidos. Que essa felicidade seja eterna.

Stephanie estava banhada de lágrimas, os convidados acreditavam que ela estava comovida, mas somente ela sabia o que se passava em seu coração. Ao ouvir palavras tão belas, ela soube que isso não poderia acontecer em seu casamento. Uma felicidade eterna não poderia acontecer para um casal com

uma história como a deles.

William também estava com os olhos vermelhos. Esperava do fundo do coração que as palavras do avô fossem verdadeiras, e que suas profecias se cumprissem. Felicidade eterna era o que queria junto com Stephanie.

- Um brinde aos noivos - Lucas Duchamp ergue sua taça seguido pelos convidados - E agora a valsa dos noivos.

Stephanie sente William segurá-la e puxá-la até o meio do salão improvisado. Os músicos tocavam uma bela valsa de Chopin.

Stephanie estava zonzinha de tanto rodopiar, após a valsa com William dançou com o pai, o sogro, o irmão, o cunhado e com os inúmeros primos de William. Nunca tinha visto uma família tão grande e feliz, e agora ela fazia parte desta grande família também.

- Hora de ir embora - David seu cunhado diz com um sorriso maroto - Os pombinhos tem que pegar o vôo.

Stephanie olha confusa para William que dá de ombros. Ela achou que como ninguém havia comentado sobre a lua-de-mel, esta não aconteceria, mas pelo visto estava enganada.

- O que você aprontou? - Ela sussurra para William

- Juro que não fiz nada - William responde no mesmo tom - Não estava sabendo de nada.

- Este é o nosso presente - David continua falando e agora puxava a esposa - Sam sugeriu este presente, no que nós concordamos. Nada é mais romântico do que passar a lua-de-mel na cidade da luz. Onde maravilhas acontecem...

David deixa a frase no ar, mas todos os convidados entendem a sua intenção. Sem alternativa Stephanie é levada pela cunhada, Letice, até o quarto para se trocar. Meia hora depois estavam a caminho do aeroporto.

- Stephanie, eu juro que não sabia de nada - William tenta conversar com a esposa.

- Não precisa se justificar, William. Vi pela sua reação que estava tão surpreso quanto eu. Vamos encarar isso como umas férias que nós dois merecemos. Afinal de contas nunca poderá ser uma lua-de-mel de verdade.

Ao chegarem ao hotel por causa de uma falha dos funcionários eles não puderam ficar com a suíte nupcial.

- Perdoem-me Sr. e Sra. Duchamp. Isso nunca aconteceu, mas podem deixar o responsável será punido e...

- Não se preocupe - Stephanie interrompe o gerente. Queria mesmo era agradecer ao funcionário que havia cometido o engano, pois assim não precisariam dividir a suíte nupcial.

Após os novos arranjos, eles ficaram em uma das suítes presidenciais, com uma sala de estar própria e duas suítes conjugadas.

Os dias foram passando, e uma pequena amizade surgia entre os dois. Com o passado fora de cena, eles podiam aproveitar o presente. Passavam os dias a percorrer as ruas de Paris, comprando lembrancinhas de todos os locais para Sam.

- Olá mamãe, olá papai.

Stephanie e William viram-se abruptamente. Tinham ouvido a voz de Sam. E ao olhar constataram que não haviam apenas ouvido, mas o filho estava parado a poucos passos deles.

- Sam, o que faz aqui? - William foi o primeiro a se recuperar e se aproxima do filho.

- Estava com saudades de vocês - Sam o abraça - Então pedia para que tio David e tia Beatriz que me trouxessem.

- E onde estão os seus tios? - William pergunta olhando ao redor.

- Eles foram descansar no quarto. Titia acabou de descobrir que está grávida novamente. Tio David está super orgulhoso e feliz e disse que dessa vez não iria se afastar dela nem por um segundo, querendo participar de todos os momentos da gravidez dela.

- Certo - William assente - E quando vocês voltam?

- Eu vou ficar com vocês - Sam sorri constrangido - Eu sei que não deveria, mas fiquei com muitas saudades e por isso estou aqui.

Stephanie e William trocam um olhar de compreensão. Agora tudo mudaria.

- Por que os dois quartos estão ocupados? - Nada escapava aos olhos cuidadosos de Samuel. Ao entrar na suíte dos pais, fez uma expedição onde constatou que os dois quartos estavam em uso - E agora? Vou ter que dormir no sofá, mamãe?

- Não filho - Stephanie se aproxima - Pode usar um dos quartos. Está com as minhas malas, mas é só para não ficarmos com muita bagagem dentro do quarto de se pai.

Sam assente feliz.

- Convidei David e Beatriz para o jantar - William diz ao entrar no quarto onde Stephanie guardava as roupas de Sam.

- Certo, a que horas? - ela pergunta sem se virar.

- As oito - William se aproxima e a vira até que seus olhos se encontrassem - Você sabe o que isso significa?

Stephanie assente, sabia que com a chegada de Sam tudo mudaria. Principalmente a noite, quando deveria dividir o quarto com William.

- Pensaremos nisso mais tarde - Stephanie diz olhando para a porta do banheiro - Sam terminou o banho e estará saindo a qualquer momento. Ele é muito inteligente e perceberia que algo está errado.

O jantar estava indo muito bem. Pareciam realmente uma família feliz. William aproveitou a ida das mulheres até o Toilet para falar com o irmão.

- Por que trouxe Sam? - ele estava irado

- Não foi minha idéia - David se defende - Sam falou diretamente com Beatriz, e como ela também estava com vontade de viajar Samuel preparou tudo.

William assente. Não duvidava que tudo havia sido uma artimanha do filho.

- Boa noite, Sam - William e Stephanie saem do quarto.

- E agora? - Stephanie sussurra para William - Como vamos dividir o quarto?

- Não sei, mas vamos conversar lá dentro - William aponta para a porta do filho. Sam tinha um sono muito leve e qualquer barulho o acordava.

Ela andou até a janela do quarto, onde via uma sinfonia das luzes. Com borboletas no estômago aguardava William. Fechou os olhos e sentiu o aroma das flores do jardim do hotel. Não percebeu quando William entrou e se posicionou atrás dela.

- Vamos dormir - o hálito quente de William passou no pescoço de Stephanie a arrepiando inteira. Um leve tremor percorreu seu corpo, um tremor conhecido, mas esquecido há muito tempo.

- Não posso - Stephanie tenta se afastar, mas William a impede. Ela se vira, e encontra o rosto dele muito próximo do seu, mais próximo do que deveria. Steph só precisaria levantar um pouco os pés e seus lábios se juntariam. William deve ter pensado a mesma coisa, pois um brilho diferente brilhava em seu olhar. Como em câmera lenta, William foi abaixando a cabeça, dando oportunidade de Stephanie desviar. Mas ela estava paralisada, com dois sentimentos conflitantes dentro de si. Por um lado a razão lhe dizia para fugir, mas o coração a mandava ficar e desfrutar do que era seu por direito.

Segundos depois, os lábios quentes de William se colavam aos de Stephanie numa carícia delicada. Quase como se fosse um beijo casto, mas os dois sabiam que o sangue em seus corpos estava no ponto de ebulição, e a paixão iria explodir. O segundo beijo foi mais sensual, William exigia mais com os lábios, fazendo Stephanie responder da mesma forma. Ficaram assim um bom tempo, relembrando os momentos felizes que haviam passado há dez anos.

Stephanie não soube dizer como foram parar na cama, perdidas nas

maravilhosas sensações que não sentia há tempos, percebeu que William a havia despido e beijava cada parte do seu corpo. O rosto, o pescoço, os ombros até que para.

- Mas que sinal é esse? - William pergunta ao sentir a cicatriz. Não havia esquecido nenhuma parte do corpo de Stephanie, mas essa cicatriz era nova - Onde você se machucou?

Stephanie sente o sangue gelar. Toda a paixão de antes foi reduzida a uma frieza total. A cicatriz. Ela havia se esquecido da enorme e horrível cicatriz que tinha no ombro. Ela se levanta correndo, tinha que se afastar de William, esconder aquele terrível sinal.

- Não te interessa - Stephanie diz pegando as roupas e se cobrindo

- Como assim não me interessa? Quem foi que te machucou? - William estava indignado, quem teve a coragem de machucar *sua* Stephanie?

Mas Stephanie já não ouvia, saí a do quarto e ia em direção a de Sam. Sabia que lá William não a procuraria para fazer perguntas.

Capítulo XI

Stephanie acordou com uma dorzinha no pescoço. Ao se deitar ao lado de Sam, ele acordou e se aconchegou ao seu lado. Ela temia acordá-lo novamente por isso não se mexeu a noite inteira. Sai lentamente da cama, por sorte Sam continuava dormindo.

Ao chegar a sala, reconhece a voz de William.

- Como ela conseguiu essa cicatriz? - William estava nervoso, passou a noite inteira em claro pensando em Stephanie e precisava saber de tudo. Falava agora com Lucin Wilfremann a única que poderia explicar tudo.

- Não me venha com essa pergunta - A Dra. Lucin estava nervosa - Você sabe muito bem como ela conseguiu tal cicatriz.

- Olhe Dra, se eu soubesse não estaria aqui te perguntando.

- Está certo, pois bem fingiremos que teve um lapso na memória - Lucin é sarcástica - Um dia após roubar o bebê, você mandou um pequeno presente

para Stephanie.

- Um presente? Mas que presente eu nunca...

- Ou você me ouve ou eu não falo mais - Lucin o interrompe - É muito difícil falar sobre isso. Ver sua sobrinha deitada imóvel a sua frente lutando entre a vida e a morte, e a morte levando uma grande vantagem.

William fica em silencio, queria ouvir tudo o que tinha acontecido.

- No presente havia apenas um cartão escrito: *Obrigado!* Ao abrir o presente tudo explode. Era uma bomba - William começa a se lembrar das palavras de George. Tinha que ligar para o amigo e ver se ele havia descoberto alguma coisa.

- Obrigado, Dra. Lucin, mas quero que saiba que não fui eu que mandei aquele presente, mas descobrirei quem foi nem que para isso eu tenha que perder minha própria vida.

William queria ligar para George Evans e perguntar se ele havia descoberto algo, mas preferia encarar tudo isso cara a cara e não por telefone. Decidiu voltar naquele mesmo dia para casa.

William não conseguia olhar para o filho, no rostinho de Sam estava apenas a desilusão. Ele achava que por causa da presença dele os pais resolveram antecipar a volta, mas William estava com problemas demais na cabeça para poder consolá-lo e lhe dizer a verdade.

Eles mal haviam chegado do aeroporto e William já saia novamente. Stephanie queria muito saber para onde ele estava indo, mas como os dois haviam voltado a forma de tratamento de antes do casamento, ela não teve coragem.

- George - William diz ao entrar no escritório do amigo

- Olá William - O amigo sorri torto - estava esperando a sua volta para poder te levar as novidades.

- Então já sabe quem mandou a bomba?

- Sei, mas sente-se será um choque para você - George aponta para uma

cadeira.

- Não quero sentar. Quero saber agora - William olha para um caderno a sua frente - o que é isso?

- Um diário, onde estão as respostas para todas as suas perguntas.

William pega o diário em sua mão, na primeira página estava escrito em letras floridas:

Diário de Karen Duchamp

William começa a ler.

Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Acabei de me tornar a Sra. William Duchamp. De hoje em diante não serei mais apenas Karen Phillip, mas sim Karen Phillip Duchamp. Hoje foi o nosso casamento. Um casamento dos sonhos. Um casamento de amor. Onde tudo pode ser perfeito. William me ama da mesma maneira que eu o amo. Hoje é um começo de um novo futuro. Um belo futuro com muitas crianças, William também quer ter três filhos como eu, mas ele quer dois meninos e uma menina, e eu quero duas meninas e um menino. Poderemos conversar sobre isso, quem sabe eu não consigo convencê-lo de termos dois casaizinhos.

Hoje é o dia mais triste da minha vida. Acabei de voltar do médico. Ele disse que tenho um problema no meu ovário e que nunca poderei ter filhos. Sinto como se meu coração estivesse em pedaços, pedaços tão pequeninhos que nunca mais poderá ser consertado. Não sei como falar com William sobre isso.

William realmente é o amor da minha vida. Ao contar sobre os meus problemas ele foi tão compreensivo. Não perguntou nada, só me abraçou e disse que não fazia mal, que podíamos viver do modo como estávamos. Eu o amo tanto, tanto...

Hoje ao voltar para casa tive uma idéia maluca. Eu não posso ter filhos, mas William pode. Ele bem que poderia ter um filho com outra pessoa, e nós os criaríamos como se fosse nosso. Assim nós teríamos a família que sonhamos.

Hoje William conheceu uma garota estranha. Uma tal de Stephanie Garhouse. Pelo visto ela é órfã, será que ela foi um presente dos céus para que o meu plano se concretizasse?

Estou tão feliz. William aceitou a minha idéia e já começou o plano de sedução. Só espero que a menina seja fértil e que engravide rapidamente. Daqui a nove meses terei meu bebê nos braços.

É um menino! Nós vamos ter um lindo menininho! Estou tão feliz.

Ele não me ama mais. William não me ama mais. Percebi hoje pelo modo como ele me olhava que não me ama mais. Os beijos dele foram frios, quase sem vida. E ainda disse que de agora em diante passaria as noites com aquela garota, porque estava perto do bebê nascer. Isso tudo é uma desculpa. Eu sei que ele não me ama mais.

Hoje o bebê nasceu. William não queria trazê-lo tão cedo, mas eu o obriguei. Agora meu filho está dormindo no quarto ao lado. Eu já dei a mamadeira. Até sinto uma dor nas costas como se eu é que tivesse dado a luz. Ele é tão lindo os cabelos são como raios de sol. Quanto a aquela garota. Já me livrei dela. Mandeí um presentinho da qual ela nunca vai esquecer. Uma bomba para ela, assim como ela foi a meu casamento.

Sinto como se depois de hoje os meus olhos não verão mais a luz do sol. Meu pequeno sol em forma humana, meu Sam. Filho do meu coração. Filho da

minha alma, ainda que não do meu sangue. Não sei talvez seja um mau pressentimento, mas é isso que eu sinto. Ou talvez seja a minha consciência me prevenindo que eu deveria contar para William tudo o que fiz para Stephanie Garhouse. Bem, estou arrependida eu vou contar toda a verdade para William, ainda que isto custe o restinho do meu casamento, mas é necessário.

Ao fechar o diário, William sabia o que devia fazer. A única coisa honrada a se fazer.

Stephanie volta para a casa contente. Tinha passado a tarde inteira conversando com a tia e as duas haviam chegado a conclusão de que William não sabia sobre a bomba. A forma como ele reagiu depois de saber que o acidente havia sido causado por um presente-bomba mostrava a sua inocência. Stephanie queria encontrá-lo rapidamente, dizer para esquecerem o passado, para construírem um futuro novo juntos. Pois ela não sabia como, mas ele havia invadido seu coração novamente, e fez com que ela percebesse que nunca deixou de amá-lo. Procurou pela casa inteira, mas só encontrou um silêncio assustador. Havia pedido para que a sogra ficasse com Samuel para que pudesse ficar a sós com William, mas não o encontrava em lugar nenhum. A sala estava escura, o escritório vazio, a cozinha, a biblioteca, todos os cômodos sem uma viva alma, o mesmo acontecia nos quartos. Casada de procurá-lo, Stephanie vai para o próprio quarto tomar um banho a espera do marido. Essa noite seria especial.

Ao ver uma carta em cima da cama fica receosa, quem entraria em seu quarto e colocaria uma carta lá? Ao se aproximar reconhece a letra de William, sem se conter a pega e começa a ler. Mas as primeiras palavras já fazem seus olhos marejarem:

Perdoo-me, por favor. Perdoo-me Stephanie por todo mal que te fiz. Por ter aparecido em sua vida. Por ter te roubado o seu bem mais precioso.

Perdoo-me ainda mais agora quando você já estava recomeçando a sua vida, uma vida onde o passado estava completamente esquecido, por eu voltado, voltei para te lembrar de todo mal que te fiz, voltei para te machucar e entristecer ainda mais. Perdoo-me, por favor. Eu sei que não mereço seu perdão, mas peço em nome do nosso filho Samuel, sim nosso filho, que você possa me perdoar.

Sam é seu filho de sangue, aquele filho que eu roubei há 10 anos. Aquele que você teve com tanta dor, mas que ao nascer foi tirado de seu lado. Aquele que você aprendeu a amar sem saber ainda que era seu próprio filho. Você é uma boa pessoa, não o culpou por ser meu filho. Agora você já sabe, é seu filho também. Um filho pelo qual nós dois podemos nos orgulhar. Um filho que cresceu, mas soube reconhecer a verdadeira mãe assim que a viu. Sei que não preciso pedir para que cuide dele, pois vi pela maneira como o tratava que daria a sua vida por ele. Apenas peço que me esqueça e continue a sua vida, mas que, por favor, não deixe Sam sozinho. Ele precisa de você.

Um dia voltarei, em um dia que eu esteja em paz comigo mesmo, com a minha consciência. Um dia em que eu possa olhar nos teus olhos e te pedir perdão de frente. Não espero que você possa me amar novamente, mas saiba que percebi que você foi, é e será o único amor da minha vida. Até o reencontro meu amor, e perdoo-me, perdoo-me, perdoo-me, por favor.

Seu, William Duchamp

Stephanie apertava a carta contra o peito, as lágrimas molhavam seu rosto inteiro.

- Como pode achar que eu não te amo? - Ela pergunta - Como pode me deixar agora que quero recomeçar tudo? Será que o destino é tão cruel que não nos permite vivermos nossas vidas em paz? Para onde você foi William? Será que não sabe que Sam e eu precisamos de você? Onde você está?

Stephanie vai até o quarto de William, olha para o armário, todas as roupas, todos os acessórios, tudo havia sumido. William havia levado tudo embora. Só havia esquecido um pequeno caderno no criado-mudo. Stephanie o

pega e começa a ler. Ao chegar a ultima pagina entendia agora toda a recriminação de William. Tinha que achá-lo. Dizer para ele que o perdoava. Que Sam e ela precisavam muito dele.

Pega o carro, precisava falar com a sogra. Karyn deveria saber onde o filho estava. Nervosa do jeito que estava, Stephanie queria chegar o mais rápido possível, não sabia o peso do seu pé no acelerador e quando vê bate o carro direto nos poste há dois quarteirões da casa da sogra. Ela não sabe quanto minutos passou desacordada, mas ao abrir os olhos só tinha uma coisa em mente: seu filho Samuel. Os paramédicos e os policiais tentaram detê-la, mas Stephanie impulsionada pelo desespero corre mais do que eles e chega a casa.

- Mamãe, o que aconteceu? - Sam se assusta ao ver a cabeça ensangüentada da mãe. Karyn também se aproxima.

- Céus, o que você fez menina?

- Onde William está? Eu preciso vê-lo...

- Ele está lá em cima, mas já vai embora será que você não pode convencê-lo a ficar conosco e... - Mas Stephanie já não ouvia, caía desfalecida aos pés da sogra.

- Lucas! William! Venham me ajudar - Karyn grita desesperada.

- Papai! Papai, mamãe morreu - Sam começa a chorar

William desce as escadas voando ao ouvir as palavras do filho. A cena que viu fez seu coração quebrar em pedaços. Sua querida Stephanie estava caída no chão com a cabeça em uma pequena poça de sangue. Atrás dela dois policias chegavam correndo juntamente com dois paramédicos.

Stephanie acordou com a cabeça pesada. Tudo rodava ao seu redor, e não reconhecia onde estava.

- Acordou minha querida? - reconhece a voz do pai

- Pai? Onde estou?

- Está no quarto de hospedes da casa de Karyn Duchamp.

- William... onde ele está? Preciso falar com ele - Stephanie se lembra

de tudo

- Calma vou chamá-lo - Stephen sai do quarto.

- Queria me ver? - William entra, mas não se aproxima

- Por que foi embora? Por que fugiu? Por que não ficar e esclarecer as coisas? - Stephanie estava revoltada.

- Não tive coragem, não tive coragem de olhar os seus olhos e contar todos os fatos. Não sabia que Karen pudesse ser tão vingativa. Tudo o que você passou foi por minha culpa por isso resolvi me afastar de você. Para que você me esquecesse...

- Como se eu pudesse esquecer... - Stephanie o interrompe - Esquecer um amor que você insistiu em reavivar. Um amor que agora tinha tudo para dar certo.

- Tudo para dar certo? - William sente as esperanças se renovarem

- Sim, mas você me desapontou, William. não confiou na minha capacidade de perdoar. Aqueles inúmeros perdooes que escreveu naquela carta não valem nada diante de sua atitude de fuga. Dizer que eu sou o seu amor é uma grande mentira. O amor faz com que o casal enfrente juntos tudo, não importando as circunstancias, mas você não confiou em mim. Tem razão ao me pedir para esquecer-lo e é isso mesmo que eu farei.

- Não! - William sente a resolução de Stephanie - Percebeu que era a decisão que ela havia tomado - Por favor, não. Não faça isso. Perdoo a minha covardia de querer fugir dos problemas, de não ter coragem de contar para você os problemas pessoalmente. Perdoo-me, por favor. Estou pedido de coração que não deixe de me amar.

- Deixar de te amar? - Stephanie é sarcástica - Como se eu conseguisse. Passei dez anos mentindo para mim mesma achando que amor havia se tornado ódio, mas em menos de uma mês após o nosso reencontro percebi que amor ainda estava aqui - ela batia em seu próprio peito - aqui dentro bem guardado. Em um lugar onde nem eu mesma posso arrancá-lo. Eu te amo tanto que posso te perdoar por essa covardia, te amo tanto que te perdoo por nosso filho. Perdoo por tudo o que você me fez. Apenas por esse amor enorme

Perdoo-me, por favor!

Amber Chainette

que tenho em meu coração.

William não se segura e a abraça. Esta era sua Stephanie. Sua esposa, sua companheira, mãe de seu filho e de seus futuros filhos.

- Eu te amo, querida.

Fim